



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

**Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Mestrado em Arqueologia**

**Análise de Gravuras Rupestres Pré-Históricas das
Bacias Hidrográficas do Espinharas/Sabugi/
Quipauá- Barra Nova no Seridó Ocidental-RN**

Francisco de Paula Brito

Recife, 2011



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

**Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Mestrado em Arqueologia**

**Análise de Gravuras Rupestres Pré-Históricas das
Bacias Hidrográficas do Espinharas/Sabugi/
Quipauá- Barra Nova no Seridó Ocidental-RN**

Francisco de Paula Brito

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do grau de mestre em Arqueologia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Gabriela Martin Ávila

Recife, 2011

BRITO, Francisco de Paula

Análise de gravuras rupestres pré-históricas das bacias hidrográficas do Espinharas/Sabugi/Quipauá-Barra Nova no Seridó ocidental-RN / Francisco de Paula Brito. - Recife : O Autor, 2011.

122 folhas : il., fig., gráf., tab.

Orientador: Prof^a Dra. Gabriela Martin Ávila.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Arqueologia, 2011.

Inclui bibliografia.

1. Arqueologia. 2. Pré-história – gravuras rupestres – Rio Grande do Norte. 3. Sítios históricos-RN. 4. Depressão sertaneja–RN. 5. Identificação gráfica – gravuras rupestres-BCFCH2010/157 RN. I. Ávila, Gabriela Martin. II. Título.

930.1

CDD (22. ed.)

BCFCH2011/70

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco como pré-requisito para a obtenção do grau de Mestre em arqueologia, defendido em 16 de Março de 2011 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Ana Catarina Peregrino Torres Ramos

Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Nascimento Oliveira

Pof^o. Dr^o. Ricardo Pinto de Medeiros

Aos meus pais:

Nitinho (*in memoriam*), que com seu nome abriu-me todas as porteiras que permitiram adentrar neste objeto de estudo e **Ritinha**, com seu conhecimento empírico, tal qual uma tapuia, me fez observar -desde a infância - todas as possibilidades que a natureza sertaneja pode nos propiciar.

Ao amigo, irmão e cunhado, Ruy Pereira dos Santos, cujas questões institucionais e fatalidades da vida o impediram de ver a conclusão deste trabalho. Aqui tem uma parte sua.

AGRADECIMENTOS

Desejo agradecer a todos que contribuíram de varias maneiras para realização deste trabalho.

A professora Gabriela Martin, orientadora, por nossa parceria com o Seridó desde o século passado.

Ao programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE.

A Universidade Federal de Roraima-UFRR por franquear a realização dessa pesquisa, fora de sua área de abrangência.

Ao Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó-RN, onde este projeto foi gestado.

A Prefeitura de Serra Negra do Norte-RN, na figura do então Secretário de Turismo e Desenvolvimento, Denerval Araújo, que comigo percorreu estradas e caminhos no levantamento inicial dos sítios estudados.

Ao SEBRAE Caicó-RN, por todo apoio e parcerias.

Aos proprietários e moradores das fazendas onde se encontram os sítios arqueológicos, pela compreensão e boa vontade com o desenvolvimento das pesquisas.

Agradeço especialmente a Adrienne Costa da Silva, pelo coleguismo e cooperação no trabalho de campo, a Saulo Ferreira de Oliveira pelas análises geomorfológicas dos sítios pesquisados, e a Gustavo Maia pelo trabalho fotográfico.

Agradeço aos colegas Fábio Almeida de Carvalho e Maria Luisa Fernandes pela revisão do texto, e a amiga Sylvania Carvalho pelo trabalho com as imagens.

Aos meus colegas do curso de Pós-Graduação André Proença, Flávio Moraes e Wladimir Neto, valeu...!

Agradeço especialmente aos meus irmãos Acácio Brito, por tudo que fez pela viabilização desta pesquisa e Ana Brito, que desde sempre me ensinou que os sonhos são possíveis.

Agradeço ao amigo Anderson Rodrigues da Silva pelo companheirismo e paciência nos últimos anos.

RESUMO

Estudamos os sítios com gravuras nas bacias dos rios Sabugi, Espinharas e Quipauá/Barra Nova, no Seridó Ocidental, que fazem parte do chamado Seridó paraibano e norte-riograndense. Os sítios encontram-se em suportes rochosos a céu aberto, no leito dos riachos ou nas suas margens. Nenhum deles estava em abrigo sob rocha. Os sítios avaliados encontram-se em franco processo de degradação, com 86% apresentando estado de conservação ruim ou regular. O desmatamento das matas ciliares, assim como a construção de açudes e pequenas barragens, o estabelecimento de cercados para o pastoreio, além de estradas, são fatores que alteraram e continuam alterando o entorno dos sítios e contribuem no seu processo de degradação. Ao analisarmos a área ao redor dos sítios, constatamos que seis deles (42%) ainda apresentam vegetação nativa, enquanto os demais têm seu entorno alterado pela ação antrópica. Em todos eles a raspagem foi a técnica predominante, mas as técnicas de picotagem, polimento ou a combinação de mais de uma delas também foram observadas. Em relação à cenografia, um conjunto de formas recorrentes e um denso preenchimento dos painéis gravados foram encontrados, indicando um possível sistema de comunicação, definido por uma identidade gráfica de gravuras rupestres na área estudada. Em relação a situação de degradação dos sítios, é necessário que políticas de preservação e educação patrimonial sejam estabelecidas com todas as partes envolvidas: proprietários, poderes públicos constituídos e população em geral, com a finalidade de garantir às gerações futuras o conhecimento, a preservação e o reconhecimento desse patrimônio.

PALAVRAS-CHAVES: Pré-História; Gravura Rupestre; Identidade Gráfica; Depressão Sertaneja; Rio Grande do Norte.

ABSTRACT

We study the small farms with engravings in the basins of the rivers Sabugi, Espinharas and Quipauá/Barra Nova that are part of the Paraíba and Rio Grande do Norte Seridó, known geomorphologically as Sertaneja Depression. The sites are all on media rock in the open, in stream beds or on their margins. Not been any place to shelter under rocks. The evaluated sites are in candid process of degradation of the 14 sites studied, 86% showed poor state of repair or regular. The deforestation of riparian forests, as well as construction of ponds and small dams, the establishment of fences for grazing, and roads, are factors that have changed and continue changing the environment of the sites , and contribute in the process of degradation. By analyzing the area around the sites, we found that six of them (42%) still have native vegetation, while others have altered their environment by human action. In all studied sites scraping was the predominant technique, but the techniques of pecking and polishing or a combination of more than one of these can also be observed. As to scenography, were found a number of applicants and forms a dense filling of recorded panels. The above points indicate the existence of a communication system, defined by a graphic identity of rock carvings in the area. Regarding the situation of degradation of sites, it is necessary that policies for the preservation and heritage education should be established with all parties involved: owners, government constituted and the general population, in order to guarantee future generations the knowledge, preservation and recognition of this heritage.

KEYS WORDS: Pre-History; Rupestre engraving; Graphical identity; Sertaneja depression; Rio Grande do Norte - Northeast of Brazil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
<u>1. DADOS ETNO-HISTÓRICOS DAS RIBEIRAS DO SERIDÓ</u>	21
1.1. As primeiras notícias	21
1.2. Os relatos dos holandeses	21
1.3. A Guerra dos Bárbaros: conflitos que assolaram o sertão no processo de ocupação portuguesa ao nordeste do Brasil.	26
1.4. As fazendas de gado nas Ribeiras do Espinharas e Sabugi	29
<u>2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO</u>	33
2.1. Antecedentes	33
2.2. Sobre as Tradições de Itacoatiaras e a hipotética Subtradição Ingá.	36
2.3. Sobre Desertificação, Intemperismo e Fatores Antrópicos ou Artificiais no Seridó Potiguar.	38
<u>3. METODOLOGIA DA PESQUISA</u>	45
3.1. Área de estudo	45
3.2. O Problema de Estudo	48
3.3. Métodos e Técnicas	55
3.4. Técnicas de execução de gravuras	56
3.5. Sobre a análise sistêmica	57
<u>4. DESCRIÇÃO DOS SÍTIOS</u>	59
4.1. Ficha do Sítio: Dinamarca I	60
4.2. Ficha do Sítio Dinamarca II	63
4.3. Ficha do Sítio Velame	65
4.4. Ficha do Sítio Logradouro dos Angicos	68
4.5. Ficha do Sítio Poços	71
4.6. Ficha do Sítio Abernal I	74
4.7. Ficha do Sítio Abernal II	76
4.8. Ficha do Sítio Riacho das Emas	78
4.9. Ficha do Sítio Curumins	81
4.10. Ficha do Sítio Nova Vida	84

4.11. Ficha do Sítio Umburana	87
4.12. Ficha do Sítio Lagoa da Serra	90
4.13. Ficha do Sítio Lagoa das Pedras	92
4.14. Ficha do Sítio Pintado	94
<u>5. RECORRÊNCIA MORFOLÓGICA DAS GRAVURAS</u>	98
5.1. Recorrência 1	98
5.2. Recorrência 2	99
5.3. Recorrência 3	100
5.4. Recorrência 4	101
5.5. Recorrência 5	101
5.6. Recorrência 6	102
5.7. Recorrência 7	102
5.8. Recorrência 8	103
5.9. Recorrência 9	103
5.10. Recorrência 10	104
5.11. Recorrência 11	105
5.12. Recorrência 12	106
<u>6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</u>	107
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura	Página
Figura 1: Foto intemperismo físico	42
Figura 2: Foto degradação antrópica	43
Figura 3 e 4: Foto degradação antrópica	44
Figura 5a: Mapa da Área Arqueológica do Seridó	45
Figura 5b: Mapa da Área Arqueológica do Seridó	46
Figura 6: Foto depressão Sertaneja	48
Figura 7: Foto Cachoeira do Pedro (Picui/PB)	49
Figura 8: Foto Cachoeira dos Fundões (Carnaúba dos Dantas/R/N)	49
Figura 9: Foto Cacimba das Cabras (Picui/PB)	49
Figura 10: Foto Cachoeira dos Fundões (Carnaúba dos Dantas/R/I)	50
Figura 11: Foto Cachoeira dos Fundões (Carnaúba dos Dantas/R/I)	50
Figura 12: Foto Sítio das Marcas (Jardim do Seridó/RN)	50
Figura 13: Foto Sítio dos Grossos (Acari/RN)	50
Figura 14: Foto Sítio dos Grossos (Acari/RN)	50
Figura 15: Foto Sítio dos Grossos (Acari/RN)	50
Figura 16: Foto Sítio dos Grossos (Acari/RN)	50
Figura 17: Foto Sítio dos Grossos (Acari/RN)	50
Figura 18: Foto Cai Peixe (Acari/RN)	50
Figura 19: Foto Cachoeira do Pedro (Picui/PB)	50
Figura 20: Foto Cachoeira do Pedro (Picui/PB)	50
Figura 21: Foto Cacimba das Cabras (Picui/PB)	50
Figura 22: Foto Cacimba das Cabras (Picui/PB)	50
Figura 23: Foto Cacimba das Cabras (Picui/PB)	50
Figura 24: Foto Sítio dos Grossos (Acari/RN)	50
Figura 25: Foto Sítio Furnas (São Mamede/PB)	51
Figura 26: Foto Sítio Furnas (São Mamede/PB)	51
Figura 27: Foto Sítio Furnas (São Mamede/PB)	51
Figura 28: Foto Sítio Furnas (São Mamede/PB)	51
Figura 29: Foto Sítio Furnas (São Mamede/PB)	52
Figura 30: Foto Sítio Furnas (São Mamede/PB)	52
Figura 31: Foto Sítio Pedra Branca (São Mamede/PB)	52
Figura 32: Foto Sítio Pedra Branca (São Mamede/PB)	52
Figura 33: Foto Sítio Pedra Branca (São Mamede/PB)	52
Figura 34: Foto Sítio Pedra Branca (São Mamede/PB)	52
Figura 35: Foto Sítio Pedra Branca (São Mamede/PB)	52
Figura 36: Foto Sítio Pedra Branca (São Mamede/PB)	52
Figura 37: Foto Sítio Pedra Branca (São Mamede/PB)	53
Figura 38: Foto Sítio Pedra Branca (São Mamede/PB)	53
Figura 39: Foto Sítio Tapera (São Mamede/PB)	53
Figura 40: Foto Sítio Tapera (São Mamede/PB)	53
Figura 41: Foto Sítio Tapera (São Mamede/PB)	53
Figura 42: Foto Sítio Tapera (São Mamede/PB)	53
Figura 43: Foto Sítio Tapera (São Mamede/PB)	54

Figura 44: Foto Sítio Tapera (São Mamede/PB)	54
Figura 45: Foto Sítio Tapera (São Mamede/PB)	54
Figura 46: Foto Sítio Tapera (São Mamede/PB)	54
Figura 47: Mapa disposição geográfica dos sítios.	59
Figura 48: Foto Dinamarca I (Paisagem)	61
Figura 49: Foto Dinamarca I (Detalhe)	62
Figura 50: Foto Dinamarca I (Painel)	62
Figura 51: Foto Dinamarca II (Paisagem)	64
Figura 52: Foto Dinamarca II (Painel)	64
Figura 53: Foto Dinamarca II (Detalhe)	65
Figura 54: Foto Velame (Paisagem)	66
Figura 55: Foto Velame (Painel)	67
Figura 56: Foto Velame (Detalhe)	67
Figura 57: Foto Logradouro dos Angicos (Paisagem)	69
Figura 58: Foto Logradouro dos Angicos (Painel)	70
Figura 59: Foto Logradouro dos Angicos (Detalhe)	70
Figura 60: Foto Sítio Poços (Paisagem)	72
Figura 61: Foto Sítio Poços (Painel)	73
Figura 62: Foto Sítio Poços (Detalhe)	73
Figura 63: Foto Sítio Abernal I (Paisagem)	75
Figura 64: Foto Sítio Abernal I (Painel)	75
Figura 65: Foto Sítio Abernal I (Detalhe)	76
Figura 66: Foto Sítio Abernal II (Paisagem)	77
Figura 67: Foto Sítio Abernal II (Painel)	78
Figura 68: Foto Sítio Abernal II (Detalhe)	78
Figura 69: Foto Sítio Riacho das Emas(Paisagem)	80
Figura 70: Foto Sítio Riacho das Emas(Painel)	80
Figura 71: Foto Sítio Riacho das Emas(Detalhe)	81
Figura 72: Foto Sítio Curumins (Paisagem)	82
Figura 73: Foto Sítio Curumins (Painel)	83
Figura 74: Foto Sítio Curumins (Detalhe)	83
Figura 75: Foto Sítio Nova Vida (Paisagem)	85
Figura 76: Foto Sítio Nova Vida (Painel)	85
Figura 77: Foto Sítio Nova Vida (Detalhe)	86
Figura 78: Foto Sítio Umburana (Paisagem)	88
Figura 79: Foto Sítio Umburana (Painel)	89
Figura 80: Foto Sítio Umburana (Detalhe)	89
Figura 81: Foto Sítio Lagoa da Serra (Paisagem)	91
Figura 82: Foto Sítio Lagoa da Serra (Painel)	91
Figura 83: Foto Sítio Lagoa da Serra (Detalhe)	92
Figura 84: Foto Sítio Lagoa das Pedras (Paisagem)	93
Figura 85: Foto Sítio Lagoa das Pedras (Painel)	94
Figura 86: Foto Sítio Lagoa das Pedras (Detalhe)	94
Figura 87: Foto Sítio Pintado (Paisagem)	96
Figura 88: Foto Sítio Pintado (Painel)	96
Figura 89: Foto Sítio Pintado (Detalhe)	97
Figura 90: Foto Recorrência 1	98

Figura 91: Foto Recorrência 2	99
Figura 92: Foto Recorrência 3	100
Figura 93: Foto Recorrência 4	101
Figura 94: Foto Recorrência 5	101
Figura 95: Foto Recorrência 6	102
Figura 96: Foto Recorrência 7	102
Figura 97: Foto Recorrência 8	103
Figura 98: Foto Recorrência 9	103
Figura 99: Foto Recorrência 10	104
Figura 100: Foto Recorrência 11	105
Figura 101: Foto Recorrência 12	106
Figura 102: Gráfico Estado de Conservação	107
Figura 103: Gráfico Intemperismo Antrópico	108
Figura 104: Gráfico Tipo de Suporte	109
Figura 105: Gráfico Condição de Sondagem	110
Figura 106: Gráfico Marcas Hidrológicas	111
Figura 107: Gráfico Entorno dos Sítios	112
Figura 108: Gráfico Técnica de Gravuras	112
Figura 109: Tabela Técnicas de Gravura	113

INTRODUÇÃO

As informações levantadas por pesquisas arqueológicas sobre o interior do Nordeste brasileiro nas últimas três décadas vêm confirmando a importância que essa região exerceu sobre os inúmeros grupamentos humanos que milenarmente a ocuparam. Nos abrigos sob rochas da região, esses grupos pintaram suas paredes, fizeram suas fogueiras e assaram seus alimentos, enterraram seus mortos, também gravaram em pedras, nos leitos de rios e riachos. É esse patrimônio cultural que tem fornecido rico material para a constituição da memória desses grupos no campo dos estudos arqueológicos.

Quanto ao aspecto da historiografia os primeiros registros sobre essa região remontam à primeira metade do séc. XVII, com as investidas holandesas ao sertão objetivando a realização de alianças políticas com os povos Tapuias. Dessas investidas, resultaram descrições expressivas dos índios e de seus territórios, tal qual se pode depreender nos relatos de viagens do holandês Roeloff Baro (1643), que trabalhou para a Companhia das Índias Ocidentais.

Mas a implantação efetiva do processo colonial no Sertão tomou forma e impulso mais nítido a partir da segunda metade do séc. XVII, quando da construção de casas fortes, utilizadas no período de conflitos com os índios, na chamada Guerra dos Bárbaros, bem como com o levantamento de templos católicos. Também contribuiu decisivamente para a efetivação desse processo a instalação das fazendas de criação, com seus currais de gado, estrategicamente postadas nas proximidades de ribeiras, as quais foram constituídas através da doação de sesmarias, feita pela Coroa Portuguesa. É nesse compasso, com o sertão sendo paulatinamente tomado e conquistado pela força da atividade pecuária, que o território nativo vai-se transformando rapidamente em território colonial.

O processo de interiorização da colonização, ao mesmo tempo em que serviu para desvelar aspectos diversos do interior nordestino, serviu, também, para velar a existência de grupos indígenas que foram sendo “encobertos” pouco a pouco, num processo intencional de homogeneização populacional (MEDEIROS, 2000). Não obstante esse apagamento, a ocorrência de termos

designativos como “tapuias”, “gentio de corso”, denunciam o modo que algumas denominações generalizantes foram empregadas para designar os representantes dessa pluralidade étnica que ocupou todo o interior nordestino.

Nas últimas décadas, além da Arqueologia, da Antropologia e da Etnologia, tem emergido a escrita de uma nova História sobre o Nordeste do Brasil. E nesse contexto, têm surgido novas fontes, novos métodos, novos interesses e, como não poderia deixar de ser, novas abordagens, a exemplo do que ocorre com os trabalhos sobre a escravidão (ALENCASTRO, 1997; CUNHA, 1988), com os estudos sobre as religiões (LOPES, 1999; MEDEIROS, 1993), as etnias (CORDEIRO, 1989; PIRES, 1990; MEDEIROS FILHO, 1991), dentre outros aspectos relevantes.

No que diz respeito especificamente à região conhecida como Seridó Norte-riograndense, que constitui a área de interesse do nosso trabalho, as pesquisas arqueológicas nas últimas décadas demonstram a existência de uma intensa e múltipla ocupação por parte de populações pré-históricas, desde aproximadamente 10.000 anos atrás, conforme datações de ritos funerários em abrigos sob-rocha constatados nos sítios Pedra do Alexandre, localizado em Carnaúba dos Dantas/RN, e Mirador, em Parelhas/RN (MARTIN, 2005).

No Seridó norte riograndense é comum nas margens dos principais rios e seus tributários a presença de sítios arqueológicos, isso indica que, no passado essas áreas eram ocupadas por povos indígenas, embora não sejam no presente.

Desde o início do século XVII, quando se tem as primeiras notícias sobre os índios tapuias que habitavam o interior do atual Rio Grande do Norte, é comum a referência à presença de nações “copiosas em número de gente”. Torna-se fundamental perceber que esses povos que viviam nessa região, antes do processo colonizador português, eram descendentes dos povos que originalmente ocuparam toda a vastidão do interior nordestino.

Neste sentido, faz-se necessário reconhecer que a ocupação humana pré-colonial, de alguma maneira, guiou o processo de ocupação colonial. Na nossa área de estudo, as antigas fazendas de criação da pecuária sobrepõem-se aos sítios com gravuras rupestres, demonstrando que as primeiras sesmarias foram provavelmente implantadas nesses locais levando-se em

consideração o conhecimento empírico que essas populações autóctones acumularam por centenas ou milhares de anos.

A construção das casas fortes do Cúo (Caicó-RN) e de Serra Negra do Norte – RN chama a nossa atenção para a importância que essa área tinha para os grupos indígenas que por meio do rio Piranhas/Açu e de seus tributários, ocuparam terras que se estendem das fronteiras dos atuais estados de Pernambuco até o Ceará.

A emergência desses dados oriundos de diferentes campos do saber tem ampliado o conhecimento sobre a região e, por conseguinte, criado a necessidade de estabelecimento de um diálogo mais amplo entre diferentes áreas do conhecimento, visto que possibilita a criação e o estabelecimento de novos elos cognitivos e obriga ao confronto de novas hipóteses de trabalho. Trata-se, enfim, de uma tradição que se adensa na tentativa de que, cada vez mais, possamos desvelar aspecto de fundamental importância, não somente para o avanço científico, mas, principalmente, para o estabelecimento e o reconhecimento da memória ancestral da região.

Em razão disso, acreditamos ser bastante pertinente a observação e o estudo crítico das Ribeiras do Sabugi e do Espinharas Seridoense, ambos localizados no Estado do Rio Grande do Norte, tendo em vista que esta região tem sido alvo de estudos arqueológicos sistemáticos há mais de vinte anos. Esse trabalho tem sido levado a cabo pelas equipes do Núcleo de Estudos Arqueológicos – NEA, da UFPE e conta com a participação de professores e alunos do seu Programa de Pós-graduação em Arqueologia, além de outras instituições nacionais e estrangeiras que ali atuam. Nesse ambiente é que ora apontam artigos, monografias, dissertações, teses e livros que muito enriqueceram os conhecimentos sobre essa área arqueológica.

O conhecimento sobre a arqueologia da região começou a se adensar na década de 60 do século XX, época em que se sobressaem os trabalhos de levantamento de sítios arqueológicos realizados através do Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica - PRONAPA. Nesse cenário destaca-se o trabalho realizado por Elizabeth Cabral e Nássaro Nasser, que investigaram a região

arqueologicamente conhecida como a região do Sabugi/Espinharas/Quipauá-BarraNova¹.

Nos anos 70, os sítios localizados nestas ribeiras paraibanas foram visitados por Ruth T. Almeida, que realizou trabalho de levantamento arqueológico nos sertões dos Cariris Velhos, nos municípios de São Mamede, de São José do Sabugi e de Junco do Seridó, na área conhecida como Vale do Sabugi Paraibano. A referida pesquisadora descreveu a presença de cinco sítios com gravuras rupestres, quais sejam: em São Mamede Tapera e Tapuio; em São José do Sabugi, sítio Pedra Lavrada e sítio Tapuio; e em Junco do Seridó, sítio Chorão.

Também na Paraíba, no início dos anos 90, o geólogo João Marinho Moraes Neto realizou o levantamento e o cadastro das Itaquatiaras do Vale do Sabugi, na fronteira seridoense da Paraíba. Seu trabalho incluiu as cidades de Santa Luzia, Várzea e Passagem, no Seridó paraibano e tem o mérito de ter ampliado de cinco para quinze os sítios cadastrados nessa região.

A dissertação de mestrado defendida por Raoni Maranhão Valle, em 2003, é de fundamental importância na elaboração de novos referenciais para o estudo das gravuras rupestres do Seridó, tanto pelo aspecto metodológico quanto pela possibilidade que criou de podermos ampliar a compreensão a respeito das populações pré-históricas no sertão do Seridó Potiguar.

Segundo MARANHÃO (2003, p99.) sua pesquisa “pretende criar uma base de dados preliminares, hipotéticos, que possa servir de referencial comparativo a trabalhos outros, cuja temática verse sobre gravuras rupestres no Nordeste brasileiro ou que esteja relacionado”. Nesse sentido é que a observação desse universo anteriormente estudado, possibilitou a inserção dos sítios do Seridó Ocidental, objetos de estudo desta pesquisa, dentro de uma perspectiva de área arqueológica, onde os parâmetros de identificação extrapolam limites geo-políticos.

Para fins do presente estudo e análise, os registros gráficos serão concebidos em conformidade com o que foi definido por PESSIS (2003, p. 63) e teriam a função cultural de evocar acontecimentos, reais ou míticos, em torno

¹ Os referidos autores foram os primeiros a registrar a presença de sítios com gravuras nessa região que abrange os municípios de Serra Negra do Norte, Caicó, Timbauba dos Batistas e Jardim de Piranhas, todos no Rio Grande do Norte.

dos quais a palavra, dita em condições rituais, completaria a mensagem, lembrada tanto em termos descritivos quanto interpretativos. Os registros gráficos cumpriam assim uma função social, contribuindo para registrar os conteúdos da memória grupal, sistema de comunicação social essencial à sobrevivência.

Inicialmente a idéia dessa pesquisa era fazer o levantamento dos sítios com gravuras rupestres localizados no município de Serra Negra do Norte, tendo em vista que suas existências eram de conhecimento de parte da população local, e nunca tinham sido inseridos dentro de um contexto mais amplo da pesquisa arqueológica no Seridó potiguar. Por ser o autor filho da região, o trabalho de levantamento preliminar recebeu o apoio da prefeitura do referido município que nos forneceu um guia e transporte para a averiguação dos mesmos. Na ocasião percorremos doze sítios: Dinamarca 1 e 2, Lagoa da Serra, Abernal 1 e 2, Umburana, Velame, Lagoa das Pedras, Poços, Logradouro dos Angicos, Riacho das Emas e Nova Vida. Segundo os guias locais, todos pertencentes ao município de Serra Negra do Norte.

O sítio Curumins, situado no município de Caicó, foi incluído na pesquisa por encontrar-se numa área de ligação entre os sítios de Serra Negra, por nós observados, e os já estudados do leste do Seridó aqui compreendidos como Jardim do Seridó, Acari, Carnaubas dos Dantas e Picuí na Paraíba. O sítio Pintado, localizado em Timbauba dos Batistas, nos pareceu apropriado por encontrar-se na fronteira a oeste dos sítios de Serra Negra e por sua significância no contexto dos registros gráficos da região, não só por sua grandiosidade, como também por conter nos seus grafismos elementos comuns a uma identidade gráfica que numa primeira instância parecia existir.

Em razão disso, o objetivo do presente trabalho é verificar a existência de uma possível identidade(s) gráfica(s) dos registros rupestres, tendo como parâmetro a observação de técnicas de execução, bem como a morfologia dos sítios e do entorno e a petrografia dos suportes rochosos.

. O intuito desse procedimento metodológico é o de chamar a atenção para os elementos que marcam não apenas as semelhanças, mas também as diferenças em relação aos registros encontrados em outras áreas já estudadas.

Além disso, o nosso estudo tem como objetivo último observar e registrar aspectos diversos relacionados ao estado de conservação dos sítios dessa área, sejam decorrentes das ações antrópicas, sejam dos intemperismos a que eles estão sujeitos, objetivando assim chamar a atenção para a sua conservação na qualidade de patrimônio histórico e cultural da região. Uma vez que alguns sítios encontram-se com o estado de conservação dos registros tão ruins, que apenas poucos vestígios dos painéis podem ser visualizados, prejudicando seus entendimentos.

.A relevância do tema abordado pelo nosso trabalho de pesquisa se encontra não apenas no compromisso com a sistematização do conhecimento sobre os registros rupestres de uma área extremamente importante para o conhecimento mais profundo dos grupos pré-históricos do Nordeste do Brasil, mas também, e principalmente, pela possibilidade de expansão e de ampliação do conhecimento acumulado sobre a região.

Para levar a cabo nossa pesquisa, iniciamos fazendo a revisão bibliográfica das primeiras informações históricas sobre as populações autóctones que habitavam a área investigada, bem como do processo de ocupação colonial nas bacias hidrográficas do Espinharas/Sabugi/Quipauá-Barra Nova.

Em seguida, fizemos um histórico das referências acerca das gravuras rupestres encontradas nessa região a partir da literatura temática disponível; nesse passo, tratamos também dos aspectos intempéricos que contribuem para o processo de degradação dos sítios arqueológicos estudados.

No passo seguinte, procedemos à descrição dos sítios. Aqui fizemos a apresentação pormenorizada de cada um dos sítios por nós estudados, fornecendo informações sobre suas localizações, os tipos de vegetação que apresentam, bem como dados referentes à sua geomorfologia. Esse procedimento metodológico se encerra com a análise das técnicas de execução das gravuras, além da cenografia específica de cada sítio.

A análise e a discussão dos resultados obtidos a partir da investigação objetiva das condições de existência de cada um dos sítios arqueológicos estudados, na presente investigação, são feita através de gráficos e tabelas,

cuja função é tornar mais claro os aspectos por nós discutidos ao longo da pesquisa.

Este trabalho contém um anexo em forma de DVD, onde os sítios estudados são observados em detalhe sob seus aspectos paisagísticos, de apresentação gráfica e das técnicas de execução das gravuras. A idéia inicial é que esse anexo possa cumprir uma função que extrapole os muros da academia, sendo usado como um artifício didático nas escolas da área estudada, como elemento de divulgação da educação patrimonial. Visando despertar nas novas gerações o compromisso com tão valioso patrimônio cultural, que mesmo encoberto pelo processo colonial, é parte primeira de uma história que se constrói até hoje.

A intenção última do presente trabalho é a de contribuir, em alguma medida e de alguma forma, para um conhecimento mais amplo e profundo sobre a cultura ancestral dos nossos povos primitivos do Nordeste brasileiro, mais especificamente da área Seridó Norte-riograndense, a fim de que possamos, reconhecendo o passado, desenvolver estratégias de preservação desse patrimônio e, quem sabe, até pensar de forma mais justa o nosso futuro.

1- DADOS ETNO-HISTÓRICOS DAS RIBEIRAS DO SERIDÓ

1.1- As primeiras notícias

As mais antigas descrições dos índios tapuias que habitavam o interior da capitania do Rio Grande foram deixadas pelo trabalho de um cronista anônimo, certamente um religioso jesuíta, qual seja: a “Relação do Rio Grande, do sítio e disposição da terra”, datado do ano de 1607. Esse documento noticia a presença de população autóctone na região nos seguintes termos: “Há também nos limites desta capitania, a poucas jornadas de caminho, duas nações de tapuias, copiosas em número de gente, que afirmam os que vão resgatar com eles, ser grande número de gente..., tendo pazes e comércio conosco...” (. (LEITE, 1945 p.556-557).

No final do século XVI, com a construção da Fortaleza dos Reis Magos e a conseqüente criação da cidade do Natal, outro aspecto importante a ser observado é que, enquanto não houve uma pressão para ocupar as terras dos tapuias, os portugueses conseguiram não somente resgatar índios para as missões, mas também estabelecer relações comerciais e manter as pazes com os mesmos, conforme podemos constatar no texto do jesuíta acima aludido.

1.2- Os relatos dos holandeses

A partir da ocupação holandesa no nordeste brasileiro é que vão ser produzidos os primeiros documentos com relatos detalhados sobre a terra ocupada pelos tapuias. Esses documentos noticiam sobre seus costumes, bem como sobre suas políticas de aliança. Tal é o caso do holandês Joanness de Laet, diretor da Companhia das Índias Ocidentais, que escreveu o livro “História ou Anais dos Feitos da Companhia das Índias Ocidentais desde o seu começo até o fim do ano de 1636”, que se encontra nos Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, em cinco volumes.

Neste relato, Joannes de Laet nos traz informações sobre o caráter nômade dos Tarairyuk, povo aliado dos holandeses, e comandado pelo chefe Janduí. O texto fornece dados sobre a quantidade de tapuias e sobre sua divisão em duas tribos. Vale salientar que o relato do autor é feito a partir das informações concedidas pelo índio Caracará, irmão de Janduí, que forneceu também as listas de nações aliadas e inimigas deste povo.

Data de 1639 a “Descrição Geral da Capitania da Paraíba”, do holandês Elias Herckmans, que além de exercer o cargo de terceiro governador da capitania da Paraíba era poeta, historiador e soldado. O texto de Herckmans presta contas sobre seus atos estando à frente da administração da capitania da Paraíba à Companhia das Índias Ocidentais, além de fazer uma descrição detalhada sobre o modo de vida dos Tarairius. Para ele, estes eram um povo que habitava sobre os montes e nos lugares mais afastados das capitanias situadas a oeste do Rio Grande e Cunhaú.

Esse texto também ressalta o caráter nômade desses povos e narra as incursões anuais que faziam, durante o verão, ao litoral para a colheita do caju e da castanha. Descreve, também, as características dos índios, evidenciando a robustez dos seus corpos; notifica, ainda, sobre as danças e sobre a utilização de armas; sobre os rituais de casamento e os ritos de passagem, além do endocanibalismo, que ocorria após a morte de parentes.

É datada de 1647 a “História dos Feitos Recentemente Praticados Durante Oito Anos no Brasil e Noutras Partes sob o Governo do Ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau, etc”. Escrito pelo historiador e filólogo Gaspar Barleu, a obra foi encomendada pelo Conde de Nassau e visava tornar público os atos da Companhia das Índias Ocidentais, enfocando o período de governo desse poderoso mandante.

Gaspar Barléu nunca esteve na América e seu trabalho fundamenta-se, conforme suas palavras “... mais no testemunho e na fé alheia do que na minha”. (BARLÉU,2005,p.15). Isso resume um aspecto importante da sua obra que, em suma, descreve o modo de vida dos tapuias a partir dos relatos de outros emissários aqui aportados a serviço da Companhia das Índias Ocidentais.

A viagem de Rodolfo Baro, contratado pela Companhia mediante ordenado anual para descobrir terras, é descrita por Barléu nos seguintes termos: “Saiu com três tapuias de uma aldeia Cariri, junto ao rio Paraíba, e penetrou no sertão 60 ou 70 léguas”. (BARLÉU, 2005,p.286). Sobre a área em que habitavam os indígenas, o escritor relata:

...que mais além, para o poente, estanciavam nações mais poderosas e beligeras, com que costumavam guerrear. Moravam eles em planícies e vales e tinham abundância de rios e vitualhas. Sua terra, eriçada aqui de selvas, ali alteadas de montanha, acolá baixa e paludosa é fecunda de gados, frutas e mel de vários gêneros. (BARLÉU, 2005, p. 287).

O caráter nômade ou semi-nômade também é descrito como segue: “...vagueiam à maneira de nômades e não se detêm sempre em aldeamentos ou territórios fixos, mais mudam de morada, conforme a quadra do ano e a facilidade de alimentação””(BARLÉU, 2005, p. 287). Ainda segundo os relatos desse cronista a longa distância, os nativos têm como costumes “arrancharem-se”, usando uma expressão até hoje utilizada naquelas ribeiras: “...cortam árvores que encontram e cravam galhos e ramagens à beira dos rios para gozarem da sombra””(BARLÉU,2005,p.287).

Quanto às políticas de alianças e guerras os nativos demonstram alternância de relações: “São os tapuias rodeados em parte de amigos e em partes de inimigos: com estes às vezes estão em paz, às vezes em guerra””(BARLÉU, 2005, p. 287). Outra observação está relacionada à crueldade para com os inimigos: na luta “fazem eles por astúcia o que não podem fazer por força”. Sobre as armas: “pelejam com arcos e flechas, dardos de pedra e clavas de pau””(BARLÉU, 2005, p. 287). Acrescenta, ainda, que a responsabilidade familiar é dividida entre mulheres, velhos e homens mais jovens: “O cuidado da família deixam-no para as mulheres e para os velhos, de tudo o mais em que na honra e utilidade cuidam os homens e os mais vigorosos””(BARLÉU, 2005 ,p. 287).

Os hábitos alimentares são descritos de forma detalhada: “Acendem fogueiras na terra ligeiramente cavada, põem sobre elas as carnes, cobrem-nas de areia e esta de brasas””(BARLÉU,2005,p.286). A bebida é feita com

mel, alimentam-se de cobras, produzem milho, tem abundância de farinha para pão – modo de fazer o pão: “preparam da raiz *attouh*, esmagam-na sobre uma pedra com um pau e recolhem o suco espremido com as mãos em vasos de barro” (BARLÉU, 2005, p. 294).

Sobre mitos e fé é ressaltada a veneração que tinham pelos sacerdotes (feiticeiros e adivinhos): “Os tapuias não semeiam nem plantam sem o auxílio dos seus sacerdotes” (BARLÉU, 2005, p. 291). Os cronistas também falam da adoração que eles tinham pela constelação Ursa Maior ou Setentrião: “... quando de manhã vêem essa constelação, alvoroçam-se de alegria e dirigem-lhe canto, danças, etc. Anualmente durante o estio, reúnem-se em bando e exércitos distintos para bailes, concursos de lanças e outros jogos consagrados ao Setentrião” (BARLÉU, 2005, p. 291 e 292).

Quanto à prática do canibalismo, exercida por esses grupos é observado o endocanibalismo em rituais: “Os sacerdotes talham membro a membro os cadáveres. As velhas acendem fogueiras para assar os membros e celebram exéquias com lágrimas e lamentações... As mulheres comem as carnes e as raspam até os ossos, não em sinal de inimizade, mais de afeto e fidelidade. Os cadáveres dos magnatas são devorados pelos magnatas, isto é, a cabeça, as mãos e os pés. Guardam cuidadosamente os ossos até a celebração do seguinte festim solene. Então os engolem reduzidos a pó e dissolvidos em água”. (BARLÉU, 2005, p. 292).

Como se percebe, o Brasil do início do século XVII era, acima de tudo, um universo ainda verdadeiramente incógnito ao europeu, na medida em que grande parte das informações disponíveis no Velho Mundo se baseava em relatos de homens do mar e aventureiros, histórias quase sempre cheias de parcialidade e interpretações equivocadas sobre os trópicos. Esses relatos eram, essencialmente, textuais.

O período de ocupação holandesa nas províncias do norte nos legou relatos mais detalhados sobre modo de vida das populações autóctones, além de uma iconografia com quadros a óleo, gravuras, mapas com informações geográficas, botânicas, zoológicas e éticas sobre a América. Célebres são os óleos sobre tela de Albert Eckhout: Homem Tapuia de 1641 com seus

armamentos e adereços; A Mulher Tapuia, representada como canibal; além da Dança dos Índios Tarairiús, de 1654.

Contribui para fixar e ampliar o conhecimento sobre os índios tapuias a tela pintada por Frans Post, intitulada “O Antigo Forte dos Três Reis Magos no Rio Grande”, de 1638, na qual são representados índios tarairiús desembarcando nas proximidades da fortaleza. Numa outra versão desta mesma paisagem, o pintor os representou conversando com holandeses ao desembarcarem na praia.

Também de Frans Post chegaram até os nossos dias uma série de estampas utilizadas para ilustrar o livro de Barléu. Nelas, são retratadas cenas do cotidiano, como a caçada às emas – ave característica da região, que figurou no brasão da capitania do Rio Grande, feito sob encomenda para Maurício de Nassau. A ema é hoje uma ave extinta no sertão do Rio Grande do Norte, mas nos parece ter sido, conforme a importância que ganha nessas figurações representativas da realidade local, de grande importância para as populações indígenas. E, com efeito, as emas são representadas com recorrência nas pinturas dos abrigos sob rochas da chamada subtradição Seridó de pintura rupestre. Nessa série de desenhos podemos constatar também atividades com índios do Rio Grande moqueando carne, festejando a vitória numa batalha disputada e caçando o gado vacum.

A herança legada pelos holandeses, ao descreverem, pintarem e desenharem as populações do interior nordestino constitui, hoje, as principais fontes de novas abordagens sobre essas populações que ao longo dos séculos foram massacradas, deslocadas, extintas em suas identidades étnicas e, encobertas pelo processo de colonização dessa região.

1.3- A Guerra dos Bárbaros: conflitos que assolaram o sertão no processo de ocupação portuguesa ao nordeste do Brasil.

De acordo com as pesquisas já realizadas (PUNTONI, 2002), podemos afirmar que, a rigor, embora tenham recebido os europeus amistosamente quando dos primeiros contatos, os indígenas brasileiros jamais aceitaram sem resistência a dominação do homem branco. Mas o processo de reação se deu, sobretudo, a partir da penetração do conquistador no interior do país, motivado seja pela busca de metais preciosos, seja pelo projeto de expansão das fazendas pastoris na região. Esse avanço se tornou, em seus caracteres gerais, sinônimo de massacre dos nativos ou, quando não, de escravização dos sobreviventes; mas também de violência sexual e, principalmente, de usurpação das terras de ocupação tradicional dos povos indígenas.

Por outro lado, devemos considerar que essa história tem seus reveses pois, divididos entre si por rivalidades intertribais, muitos indígenas se prestavam a auxiliar os europeus na luta contra outros indígenas seus oponentes. Entretanto, a história notifica que nas raras ocasiões em que conseguiram se unir contra o inimigo comum, o invasor europeu, se organizando sob a forma de [confederações](#), deram muito trabalho para o projeto de dominação dos conquistadores de suas terras (PIRES, 1990).

Data de 1655 um importante documento do representante do Conselho Ultramarino, no qual é feita uma consulta ao mesmo sobre como proceder sob ataque de índios tapuias. A data nos parece sintomática, pois o documento foi escrito um ano após a expulsão definitiva dos holandeses das províncias do norte. Nele transparece um ponto comum entre os cronistas seiscentista: o ódio que os índios tapuias alimentavam pelos portugueses. Segundo PUNTONI (2002, p.57 e 58): “A guerra dos Bárbaros em grande medida foi o resultado imediato da desestabilização das alianças militares firmadas no período mais agudo do conflito entre portugueses e holandeses”. Ainda segundo o mesmo autor, dois motivos contribuíram para aumentar a possibilidade do conflito, a pecuária extensiva com a intrusão e destruição das fontes de subsistência dos

índios, e a facilidade de captura do gado por estes, atos vistos pelos colonos como graves transtornos à incipiente economia local.

Data de 1661 a declaração feita pela coroa portuguesa de que os índios Janduís (tapuias do Rio Grande e Paraíba) eram considerados seus inimigos. Em 1662 a regente Luisa de Gusmão declara guerra aos índios dada a gravidade da situação. Segundo os termos da Regente: “[...] conviria fazer-lhe (aos Janduís guerras) com que se extingam de uma vez”.²

A segunda metade do século XVII é marcada pelo avanço da expansão da pecuária nos vales e campos das capitanias do Rio Grande e da Paraíba, nas terras então habitadas pelos índios tapuias. É nesse compasso que, incentivados pelas autoridades constituídas destas capitanias, as fazendas de criatório, com seus currais e casas de moradia, vão avançando sobre as terras habitadas pelos índios.

Em 1670 é feita uma solicitação de treze criadores ao Governo Geral, na Bahia, de terras devolutas no sertão da capitania da Paraíba do Norte. A sesmaria era constituída de: “[...] doze léguas de terras de largo, começando pelo rio xamado das Espinharas, que começarão fronteira a Serra da Burburema, ficando seis léguas, para cada banda do rio, e de comprimento sincoenta”.³ Trata-se do primeiro pedido de sesmaria para a área que hoje corresponde ao Seridó paraibano e norte-riograndense. A solicitação dos baianos deixa claro a presença indígena na área conquistada “ com grande dispêndio de suas fazendas e risco de suas vidas por serem de Tapuios, que nunca tiveram conhecimento de brancos”.⁴

Apesar de a solicitação não ter recebido assentimento na esfera régia e nem mesmo a demarcação da sesmaria ter-se confirmado oficialmente, o importante desse fato é ressaltar que nos anos subseqüentes as terras ocupadas pelas populações autóctones foram sendo paulatinamente ocupadas, tanto na Paraíba como no Rio Grande do norte. Nesse contexto de invasão e de tomada de posse dos territórios tradicionais é que os conflitos com as populações indígenas se tornaram eminentes e, por isso, inevitáveis.

² Carta Régia 09/01/1662. Ar. Ultra Marinho. Cód. 275, fl. 315v. In PUTONNI (2003)

³ GGB, Translado da Data da Ribeira das Espinharas aos Oliveira em 1670, a qual não é confirmada nem demarcada.

⁴ GGB, Translado da Data da Ribeira das Espinharas aos Oliveira em 1670, a qual não é confirmada nem demarcada.

O período da Guerra dos Bárbaros é descrito por Câmara Cascudo, ícone da historiografia oficial do Rio Grande do Norte, na obra intitulada “História do Rio Grande do Norte”⁵, como de “muita confusão, muita luta, muito mistério”. Nessa obra, o autor faz um corte temporal que se estende de 1687 a 1704, período em que ocorrem as lutas no vale do Piranhas/Açu, em Moçoró e em Apodi.

Em 1697, as revoltas, que vinham acontecendo desde os anos 50 do século XVII de forma pontual, se acirram e, em decorrência, vários levantes indígenas foram deflagrados nas principais ribeiras do sertão norte: em Açu, Moçoró e Apodi. Esse estado de coisas conduz a um estado de conflagração generalizado, como bem observa PIRES (1990).

Nos mesmos emblemáticos anos de 1687 e 1688 aconteceram as campanhas de Antônio de Albuquerque Câmara, senão também do Capitão-mor Manuel de Abreu Soares e de Domingos Jorge Velho e seu terço⁶ paulista. Para Puntoni (2002), o motivo das revoltas que acarretaram essa reação do poder colonial teria sido a prisão de dois filhos de Canindé (rei dos Janduís) e o envio dos mesmos ao rei de Portugal.

Canindé, rei dos Janduís, envia em 1692 uma comitiva ao Governo Geral do Brasil, sediado em Salvador/BA, a fim de tratarem de um acordo de paz entre o seu povo e o governo português. E, aos 10 de abril desse mesmo ano, foi assinado o que possivelmente é o primeiro tratado de paz entre Portugal e nativos da colônia. Mas o tratado só foi respeitado até o ano de 1698, quando os portugueses invadiram os territórios dos Janduís e estes foram praticamente dizimados.

Sobre os índios Janduís, MEDEIROS FILHO (1984, p. 123) afirma que “A nação Janduí dividia-se em 22 (vinte e duas) aldeias, ocupando faixas de terras que iam do sertão do Rio Grande, Paraíba, Itamaracá e Pernambuco. Contavam com 13 ou 14.000 habitantes e 5.000 homens destros no uso das armas de fogo”.

⁵ Cascudo, Câmara. Hist. Do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro, 1995. p.96.

⁶ “Em teoria, o terço deveria ser formado por 2500 soldados, repartidos em dez companhias, compostos, cada uma, de 250 homens, todos subordinados ao capitão-mor(ou mestre de campo). Estas companhias, sob o comando de um capitão, por sua vez, deviam dividir-se em dez esquadras de 25 homens”(PUNTONI,2002, p.182).

Conforme o acordo de paz firmado com os índios, em 1695 é feita a concessão de terras aos Janduís, a mando do rei de Portugal. As terras que deveriam ocupar estavam localizadas entre os atuais municípios de Goianinha e Santo Antônio, no Rio Grande do Norte. Mas em 1699, os índios abandonam as terras concedidas ao rei Canindé, em virtude das muitas mortes ocorridas, dentre elas a do líder do grupo além de sete ou oito crianças, vitimadas pela febre “maleita”. Segundo Olavo de Medeiros Filho (1984, p 123), os remanescentes da “outrora orgulhosa tribo dos Canindé, buscaram o seu centro, que era o sertão, perdendo-se deles a notícia”. Este mesmo autor afirma que o pedido de paz feito aos portugueses pelos Janduís marca oficialmente o fim da Guerra dos Bárbaros no Seridó.

Como podemos perceber, é nesse contexto histórico de expansão colonial que os espaços originalmente ocupados pelos índios, antigos moradores da região, vão, pouco a pouco, cedendo lugar às fazendas de gado, num processo para o qual competem tanto o estabelecimento de acordos de paz quanto a conflagração de cruéis conflitos bélicos. E enquanto isso ocorre, a estratégia de ocupação, concretizada na prática dos aldeamentos, vai sendo responsável pelo deslocamento das populações indígenas para áreas sempre mais distantes dos locais onde ancestralmente habitavam.

1.4- As fazendas de gado nas Ribeiras do Espinharas e Sabugi

Mesmo sem confirmação régia, a sesmaria solicitada pelos Oliveiras Ledo e amigos foi doada em 04 de fevereiro de 1670. Desde então, seu território engloba uma faixa de terra que se estende desde a Serra do Teixeira, na Paraíba, até a desembocadura do rio Espinharas no rio Piranhas – local onde teria sido construído o Arraial do Piranhas, quando da antológica luta contra os índios. Neste local encontra-se instituído, hoje, o distrito de Barra de São Pedro, que se localiza no município de Serra Negra do Norte/RN.

Coube a João de Freitas da Cunha o trecho que corresponde ao atual município de Serra Negra do Norte, o qual foi transferido, por herança, a seu

irmão Domingos Freitas da Cunha. Este, por sua vez, o vendeu a Manoel Barbosa de Freitas, que, no local, implantou uma fazenda, posteriormente doada a um sobrinho seu, nomeado Manoel Pereira Monteiro.

Data do final do ano de 1728 a chegada e a instalação dos currais e a construção da edificação da casa de fazenda, sob os auspícios de Manuel Pereira Monteiro, que pode ser legitimamente considerado como fundador da povoação que no futuro viria a ser o município de Serra Negra do Norte/RN.

Em 1730 é registrada a compra de duas léguas de terras ao longo do rio Espinharas, as quais são adicionadas à fazenda Serra Negra. Tal documento nos faz especular que o Arraial dos Piranhas ainda então se encontrava nas mãos dos terços paulistas que os utilizavam como ponto de apoio na guerra contra os índios da Paraíba, do Rio Grande e do Ceará. Essas terras adicionadas à fazenda encontram-se na beira do rio Espinharas, no rumo de sua desembocadura no rio Piranhas, local onde tinha sido erguido o dito Arraial e uma casa fortaleza.

Devido a sua localização estratégica, este arraial e sua casa forte foram de suma importância na luta contra os índios do sertão, que permitia aos portugueses ter acesso a duas rotas hidrográficas de grande importância para os índios: as bacias dos rios Espinharas/Sabugi e do Piranhas/Peixe, localizadas respectivamente no Seridó norte riograndense e paraibano.

Vergniaud Lamartine Monteiro (S/D), em sua monografia de Serra Negra, descreve a ação de Manoel Pereira Monteiro e seus filhos ao chegarem à fazenda do Espinharas: “caçaram índios e onças”. O mesmo autor fala dos reiterados ataques dos índios que fugiam dos terços paulista para a dita fazenda. Ele também descreve a ação da família Pereira contra os índios que fugiam para o leito superior do rio Piranhas, daí para o Ceará, chegando nos sertões do Piauí, último reduto de resistência das populações indígenas envolvidas na Guerra dos Bárbaros.

Pai de dois filhos padres, Manoel Pereira Monteiro faz, em 1735, a doação de meia légua de terra da Freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Piancó, além de certa quantidade de gado vacum. Para tanto, usa como justificativa a intenção de erguer um templo católico na área da fazenda, em homenagem a Nossa Senhora do Ó. O templo, erigido inicialmente de pau-

a-pique, entre os anos 1770 a 1780, é construído em alvenaria no local onde se encontra até hoje.

Na Ribeira do Sabugi, as mais antigas solicitações de terras aconteceram em meio aos conflitos entre os índios tapuias e as tropas coloniais portuguesas. No ano de 1686 terras do rio Sabugi acima são concedidas ao alferes Pascoal Rodrigues do Vale, Francisco Barbosa, José Barbosa Diniz e Antônio Martins do Vale.

No ano de 1688 é registrado um enfretamento entre o criador Pascoal Rodrigues, à frente de uma tropa de quarenta soldados, com índios tapuias insubordinados, revoltados que estavam com a expansão das fazendas de criação. Em novembro deste mesmo ano, os índios Panati foram combatidos na Serra do Sabugi pelas tropas do Coronel Antônio de Albuquerque da Câmara e do Capitão Manuel de Amorim.

Nos anos seguintes, as terras vão sendo concedidas, apesar da insipiência e timidez das entradas. Somente no século XVIII é que se concluiu, enfim, a ocupação desta ribeira. No documento de Acta de Instalação da Povoação do Caicó, datado de 1735, encontramos a assinatura de três criadores em Sabugi e de um “delegado” do Sabugi, o que confirma a presença portuguesa na região.

O processo de inserção do Seridó dentro da economia colonial se dá, portanto, dentro de uma lógica em que a espada, os bois e a cruz caminham *pari passu* com o aniquilamento, o massacre, o aldeamentos e os cosequentes deslocamentos dos povos indígenas para áreas estranhas a suas terras de origem.

O deslocamento das populações autóctones, propiciados por migrações espontâneas, transferências de aldeias, fugas, embates com milícias coloniais, dentre outros, propiciou um dos mais perversos capítulos da história colonial. Atualmente, o Rio Grande do Norte apresenta-se como um dos únicos estados do Brasil que não registra população indígena.

Apesar de MEDEIROS (2000), arguir que o processo de “encobrimento” começar no período do governo de Pombal, acreditamos que tal processo tem sua gênese a paritr da Guerra dos Bárbaros e se segue pelos séculos seguintes, através das diferentes políticas relacionadas aos índios do sertão

nordestino. Nesse processo é que identidade étnica, organização social, manifestações religiosas, dentre outros aspectos de sobrevivência cultural do autóctone, vão sendo arduamente desmontados, ao passo que outro modelo de sociedade vai sendo imposto.

Macedo (2007) ao analisar o processo colonial, no sertão do Rio Grande do Norte – processo denominado pelo autor como ocidentalização – iniciado na segunda metade do século XVII, sobrepõe os territórios habitados pelos Tarairiús e os currais de criatórios. O choque entre as duas territorialidades – nativa e ocidental – visto através dos documentos que registram os pedidos de terras às autoridades coloniais da Paraíba e Rio Grande, com a finalidade de criação de gado nas ribeiras dos rios Piranhas, Espinharas, Acauã e Sabugi, comprovam a sobreposição a que se refere o autor.

Em consequência de milhares de mortes que reduziu o número de indígenas, decorrentes dos tratados de paz feitos com a coroa portuguesa e dos deslocamentos dos remanescentes para aldeamentos missionários, a partir do século XVIII, a resistência nativa cessa no sertão do Rio Grande. Concomitantemente, cresciam os pedidos de terra para criatórios nas ribeiras anteriormente citadas.

Ainda no século XVII, as paisagens com serras, rios e vales, antes ocupadas pelas populações nativas, cedem lugar a um território colonial com suas fazendas de criatórios e suas freguesias religiosas. Dos índios ficaram apenas os relatos de cronistas e viajantes, a toponímia de vários locais, além dos sítios arqueológicos, que nos remetem a uma história de ocupação milenar, suplantada em poucas décadas pelo processo de colonização imposto pelas autoridades portuguesas.

2- REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1. *Antecedentes*

Apesar de os relatos de Feliciano Coelho, que datam de 1598, já denunciarem a existência de registros rupestres na região da Paraíba, as “culturas primitivas” praticamente não despertaram qualquer interesse científico entre os europeus até quase o final do século XVIII.

Entretanto, apesar da ausência de interesse científico propriamente dito, as pinturas e gravuras parietais e pré-históricas do Nordeste foram visitadas e não menos copiadas, comentadas e, algumas vezes, até mesmo publicadas durante o período colonial brasileiro – tal como se pode constatar a partir da obra dos holandeses Baro e Herckman, que na segunda metade do século XVII anotaram sua existência nos sertões do Rio Grande do Norte e do Ceará.

Mais curioso é o caso do padre Francisco Teles de Menezes que, acreditando que as pinturas e gravuras rupestres sertanejas eram roteiros de antigos tesouros escondidos, fez, entre 1799 e 1817, o mais importante e completo levantamento de campo desses vestígios até então realizado, resultando dessa empreitada a obra intitulada “Lamentação Brasília” (1887).

Durante o século XIX, os registros rupestres foram motivo da atenção de pesquisadores, viajantes, naturalistas e artistas, dentre os quais se destacam Rugendas e Debret. Aires de Casal designou esses registros como curiosidades da Serra do Teixeira, na Paraíba, assim como fez Henry Koster para a mesma província. A pedido de D. Pedro II, Louis Jacques Brunet elaborou um memorial analítico citando, principalmente, as pinturas e gravuras existentes na Paraíba e no Rio Grande do Norte. John Carper Branner também se dedicou ao estudo dos grafismos do Nordeste, produzindo uma monografia (1887); Varnhagen, em 1890, e Irineu Joffily, em 1892, descreveram inscrições lapidares no território paraibano (SOUZA, 1991,p.32)

O interesse do Imperador D. Pedro II pela Antropologia garantiu o impulso para a implantação das primeiras entidades oficiais da arqueologia brasileira. Por conta dele foi que o Imperador criou e enriqueceu o Museu Nacional no Rio de Janeiro com material europeu e africano. Além da polêmica

sobre a origem antrópica dos sambaquis, que perpassou as discussões por décadas, os fatos mais importantes para a arqueologia brasileira, no final do século XIX, se deram na Amazônia , onde Emílio Goeldi escavou as famosas necrópoles de Cunani e K. Rath os sítios da Ilha de Marajó, quando se divulgou a belíssima cerâmica local.

Em contraste com essa época de pouco interesse, o século XX foi marcado pelo acúmulo de informações arqueológicas e pelo crescimento do interesse pelos registros rupestres, principalmente no Nordeste, onde discussões e polêmicas teóricas vão marcar a segunda metade desse século. Nesse contexto de criação de uma tradição discursiva sobre a arqueologia nordestina pioneiros são, nos anos 20, os estudos de Luciano Jacques de Moraes, que publicou “Inscrições Rupestres no Brasil” (1924), abordando basicamente as regiões do Rio Grande do Norte e da Paraíba.

Bastante interessante é o caso de José de Azevedo Dantas, sertanejo autodidata, da cidade de Carnaúba dos Dantas, localizada no Seridó Norteriograndense, que na década de vinte do século passado se dedicou a registrar as inscrições rupestres na sua região. Embora não tenha conseguido publicar seus manuscritos, seus descendentes tiveram a alegria de, nos meados dos anos 90, ver seu trabalho ser publicado, a partir do empenho de Gabriela Martin, que descobriu o caderno manuscrito nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba.

Angione Costa, no trabalho intitulado “Introdução à Arqueologia Brasileira” (1934), que pode talvez ser legitimamente considerado o primeiro manual de arqueologia do Brasil , cita a presença de inscrições por toda parte do Nordeste brasileiro até as planícies amazônicas. Entretanto, apesar de o autor reconhecer a existência dessa abundante pictografia, o mapa arqueológico do Brasil que ilustra seu livro contém pouquíssimas referências e quase nenhuma informação sobre o Nordeste.

Mas somente nas décadas de 50 e 60 do século XX , definida por André Prous (1992) como “período formativo de pesquisa moderna” , a situação tenderia a mudar de forma mais significativa, em razão, sobretudo, da criação de centros universitários de pesquisa arqueológica no Brasil. Para tanto, foi fundamental a colaboração de profissionais estrangeiros na formação de

especialistas locais. Digno de nota é que data dessa mesma época a elaboração de uma legislação específica para a proteção dos sítios arqueológicos, a qual foi criada em 1961, durante o governo de Jânio Quadros, que a promulgou. Ela é que vigora para estes assuntos até os dias de hoje.

De forma um tanto contraditória, exatamente durante os anos 60 decresceu um pouco o interesse pelos estudos dos registros rupestres do Nordeste do Brasil. Apesar disso, merecem destaque nessa época os trabalhos de levantamento realizado por Nássaro Nasser de Souza e Elizabeth Cabral, no Rio Grande do Norte, e os de Francisco Otávio da Silva Bezerra, na Paraíba, como anteriormente já afirmamos (apud. SOUZA, 1991, p.132).

Os primeiros trabalhos sistemáticos sobre o Nordeste brasileiro começaram a ser divulgados somente no final dos anos 70, por efeito do empenho profissional de Niède Guidon, que, à frente de uma missão franco-brasileira, realizou estudos no Sudeste do Piauí. Vale salientar também a descoberta, a partir dos manuscritos de José de Azevedo Dantas, de “indícios de uma civilização antiquíssima na área arqueológica do Seridó” (FIGURA 5a e 5b), tal como aventa Gabriela Martin, em *Pré-História do Nordeste do Brasil*(1997).

O que importa considerar é que em conjunto, os trabalhos dessa época são de fundamental importância para o estabelecimento dos referenciais teóricos e metodológicos sobre a arqueologia do Nordeste brasileiro, o que vai efetivamente ocorrer na década de oitenta. E nesse cenário gerador de um novo marco teórico-metodológico para os estudos de áreas arqueológicas é que MARTIN (1996) define o objetivo de estudo de uma área arqueológica: para esta autora, os estudos não devem se limitar à abordagem de sítios isolados, haja vista que antes deve pautar-se por uma abordagem sistêmica, na qual “considera-se como fim ideal da pesquisa a relação do homem com o meio, desde as origens do povoamento até o desaparecimento dos grupos indígenas ou a sua modificação cultural pela pressão colonizadora”. (MARTIN, 1996 p.89)

Noutra vertente, a proposta de abordagem teórica para os registros rupestres do Sudeste do Piauí apresentada por Anne Marie Pessis (1992) parte de premissas estabelecidas por Leroi Gourhan e Anete Emperaire. Pessis vai além do que se fez até então sobre a questão, quando reflete sobre as

dimensões dos costumes humanos como fatos sociais, tal abordagem se muniu de força suficientemente capaz de imprimir nova direção às pesquisas das inscrições rupestres. Ela se caracteriza, em síntese, pela negação dos dados exógenos aos registros e pela tentativa de entendê-los por dentro, de buscar compreendê-los como uma língua desconhecida, da qual tem de se fazer a dedução de eventuais regras sintáticas (normas associativas, estruturas internas dos sítios ou dos painéis, etc.). Essas são normas hoje canonizadas pela prática da moderna pesquisa arqueológica e que, desde então, têm propiciado a ampliação das categorias para sistematização dos estudos da arte rupestre no Nordeste brasileiro.

Apesar de breve, esse apanhado da constituição e da definição desse campo de investigação demonstra que a arqueologia mundial e brasileira tem, ao longo das últimas décadas, acumulado conhecimento e precisado melhor o seu método de abordagem e, dessa maneira, tem conseguido estabelecer sistemas teóricos onde tecnologia, sociedade, ideologia e eco-espço encontram-se cada vez mais entrelaçados.

Desse modo é que a pesquisa pluridisciplinar se nos apresenta, pois, como a melhor forma de alcançarmos os objetivos que se colocam no horizonte de expectativas do nosso trabalho, que se insere no universo das ciências que privilegiam o homem e a terra como adjuvantes de uma relação interanimada e inalienável.

2.2- Sobre as Tradições de Itacoatiaras e a hipotética Subtradição Ingá.

O termo “tradição” é utilizado na arqueologia brasileira, desde a década de 1960, para as macro-divisões dos registros rupestres, bem como para as indústrias líticas e cerâmicas. Foi empregado primeiramente por Calderon, que o definiu como “o conjunto de características que se refletem em diferentes sítios associados de maneira similar, atribuindo cada uma delas ao complexo cultural de grupos étnicos diferentes, que os transmitiam e difundiam, gradualmente modificadas através do tempo e do espaço”. (CALDEIRON, 1970). No mesmo sentido, mas com elaboração um pouco mais sintética,

André Prous conceitua o termo como “uma certa permanência de traços distintivos, geralmente temáticos” (PROUS,1992,p.511).

Já para Pessis, é “sinônimo antropológico de horizonte cultural e arqueológico de classe taxonômica mais geral na classificação dos registros rupestres nordestinos, onde se definem identidades culturais de caráter mais geral” (PESSIS,1992 p.43); e para Martin e Ason, como “a unidade maior de análise entre as divisões estabelecidas para o registro rupestre (MARTIN e ASON, 2000 p.99).

É com base nesse conceito que, a partir dos estudos realizados e das conclusões obtidas com a investigação na área arqueológica de São Raimundo Nonato, Guidon (1989) aponta para uma classificação “preliminar” de três tradições para as gravuras do Nordeste do Brasil, quais sejam: as “itaquatiaras de Leste”⁷, “itaquatiaras de Oeste”⁸ e “gongo”⁹.

Em obra de 1991, essa autora corrobora a existência da “tradição Itaquatiaras do Leste” e vai além, apontando sua distribuição nos estados do Nordeste do Brasil desde o Ceará, passando pelo Rio Grande do Norte, pela Paraíba e por Pernambuco; também fixa seus limites: ao Sul, o Rio São Francisco, e a Oeste, São Raimundo Nonato, no Piauí.

André PROUS (1992) define a existência da “tradição geométrica”, que “...forma um conjunto heterogêneo, cuja extensão vai desde o planalto catarinense no Sul até o Nordeste. [...]. Caracteriza-se mais uma vez por gravuras geométricas, inexistindo quase completamente representações figurativas” (PROUS, 1992, p. 515). O autor reconhece pelo menos duas subdivisões para essa “tradição”: uma “meridional e central” e outra “setentrional”, que corresponderia ao que Niede Guidon classificou como “tradição itaquatiara”.

⁷ Itaquiara de Leste “é uma tradição típica de todo o Nordeste brasileiro e seus painéis ornaram as margens e leitos rochosos de rios e riachos do Sertão, marcando cachoeiras ou pontos nos quais a água persiste mesmo durante o período de seca.

⁸ Itaquiara de Oeste existe desde a fronteira da Bolívia até o limite Oeste da área de São Raimundo Nonato, indo para o Sul, onde aparece até o norte de Minas Gerais.

⁹ Gongo - não é descrita pela autora por só conhecer um sítio.

Para Gabriela Martin, “no Nordeste as gravuras estão agrupadas numa única tradição chamada Itaquiara” (MARTIN, 1997, p. 298). Segundo a autora, nessa tradição predominam grafismos puros, porém deve se registrar a presença de antropomorfos, alguns muito elaborados. Elas estão sempre próximas d’água. Martin chega a sugerir, a partir de mais estudos feitos na região, a subtradição ¹⁰ Ingá para a área que compreende o Seridó Potiguar até os brejos paraibanos.

Segundo a autora, a subtradição Ingá teria como características preliminares “o posicionamento ao longo de cursos d’água, a forma curva e complexa dos grafismos, pontos de pequenas formas circulares gravadas ordenadamente e que dão a impressão de linhas de contagem, denso preenchimento dos painéis os quais se aproveita a maior parte do espaço disponível, com tendência ao *horror vacui*, além da técnica de raspado e polido contínuo na elaboração dos grafismos” (MARTIN, 1997, p.305-306).

Em 2003, Martin reafirma as características da subtradição Ingá e aponta dois estilos nitidamente distintos tanto pela técnica empregada na elaboração quanto pela diferente escolha do suporte e dos sítios para as gravuras do Seridó. Um deles dentro da subtradição Ingá e o outro de gravuras em abrigos e não nos curso d’água, caracterizadas pelas gravuras realizadas depois da preparação do suporte, por raspado e alisado com aplicação de uma camada de tinta vermelha sobre o qual se realizam depois as gravuras que, em alguns casos, foram também pintadas. Sítios com tais características foram observados por Valdeci dos Santos Júnior (2005), na região Oeste e Central do Rio Grande do Norte, assim como por MARANHÃO (2003), no Seridó Oriental norte riograndense.

¹⁰ Subtradição: “considerando uma subtradição como o grupo desvinculado de uma tradição e estabelecido noutra área geográfica em condições ecológicas diferentes, que implica a presença de elementos gráficos novos”. (MARTIN, 2003, p.14).

2.3. Sobre Desertificação, Intemperismos e Fatores Antrópicos ou Artificiais no Seridó Potiguar.

Incluímos este item na análise por compreendermos que esses fatores são elementos que influenciam em um aspecto bastante relevante para este trabalho: a conservação dos sítios rupestres pesquisados. Apesar de abordarmos separadamente cada um dos itens, temos consciência que estes fatores se entrelaçam e possuem, pelo menos, um aspecto comum, que é a presença humana e suas formas de relacionamento com o meio ambiente e os impactos causados.

2.3.1- Desertificação

Trabalharemos aqui com um conceito bastante genérico, desenvolvido por Batista de Faria (1986 p.116) que o entende enquanto um “conjunto de mudanças ecológicas na vegetação, solo e/ou regime hídrico, que reduzem a produtividade, diminuindo a capacidade da terra e tornando-se mais vulnerável à erosão”.

Os processos de desertificação nos espaços semi-áridos brasileiro começaram a ser formalmente identificados na década de 1970, a partir dos estudos pioneiros desenvolvidos pelo ecólogo pernambucano João Vasconcelos Sobrinho, que informava que ali estaria a surgir “um grande deserto com todas as características ecológicas que conduziriam à formação dos grandes desertos hoje existentes em outras regiões do globo” (VASCONCELOS SOBRINHO,1974,p7). Ainda segundo Sobrinho (1974), o equilíbrio ecológico instável que ali se observa, criado pelas condições de clima e solo, permite aos seres vivos que habitam o semi-árido, principalmente a cobertura vegetal que o reveste, apenas uma existência precária, com imenso esforço de adaptação e sobrevivência.

As conseqüências da degradação e da desertificação são, freqüentemente, a pobreza e a insegurança alimentar, junto com as variações severas do regime de chuvas, como grandes secas seguidas de grandes enchentes. A região do Seridó aparece como potencialmente sujeita ao processo de desertificação, uma vez que se encontra dentro do polígono das

secas, que ocupa mais de 60% do estado do Rio Grande do Norte. Na região do Seridó norte rio-grandense, em particular, alguns fatores têm forte poder de impacto, dentre os quais se destacam a extração mineral, a existência de olarias, senão também a pecuária e o cultivo impróprio.

A extração mineral, se dá, principalmente, pela mineração, sobretudo de Scheelita e caulim, e pela quebra de rochas como o granito, para a utilização em construções, pavimentação de ruas e avenidas, dentre outras finalidades. Sobre a questão assim se manifesta especialistas da questão: “Blocos de granito de grandes dimensões são extraídas das serras do município de Parelhas e são regularmente transportados e comercializados fora da região.” (PESSIS, MARTIN, 2002 p.187). Este aspecto muito contribui para descaracterizar a região, transformando a paisagem, e o perigo decorre de que se tem aproximado assustadoramente dos sítios com pinturas rupestres do Seridó Oriental.

O fabrico de telhas e de tijolos é outro fator de grande impacto no ecossistema da caatinga potiguar. Além da retirada da matéria prima, a argila, provoca transformações nos locais de onde é obtida (os “barreiros”, como são denominados regionalmente), os fornos de queima são alimentados por lenha retirada da caatinga. Durante os trabalhos de campo realizados entre janeiro e julho de 2007 foi possível observarmos a ampliação da área de retirada de madeira, ao norte do núcleo urbano de Carnaúba dos Dantas/RN: estradas foram abertas rompendo serras e chegando até sítios arqueológicos, que antes eram considerados locais de difícil acesso, como é o caso de Casa Santa, onde a extração de madeira chegou próximo ao abrigo.

A emissão de gás carbônico, derivado da queima dessa madeira, chega, em algumas épocas do ano, a turvar o ar nessas áreas circundantes aos locais em que ocorre a operação. Acreditamos ser este outro fator que contribui para alterações do estado das pinturas rupestres da região.

A pecuária bovina, atividade precursora da ocupação européia no Seridó, é um elemento de forte impacto na paisagem do Seridó. Conhecida nacionalmente pela produção de carne de sol e derivados do leite, como manteiga e queijo, a região tem sua “identidade” fortemente ligada ao chamado

Ciclo do Couro, onde o Sertão foi incorporado ao sistema colonial português, como área de fornecimento ao litoral desses gêneros.

Como discutiremos mais detalhadamente nos aspectos étnico-históricos da região, podemos observar que os vaqueiros e suas boiadas seguiram rotas hidrográficas que já eram conhecidas pelas populações originárias. O desmatamento da vegetação ciliar de riachos e rios sempre foi uma prática utilizada pelos antigos fazendeiros e permanecem vivas até os dias de hoje. As terras próximas aos leitos das águas são geralmente as que melhor se prestam ao cultivo de uma agricultura de subsistência, como também aos vários tipos de capim que são utilizados como forragem para o gado.

No nosso trabalho de levantamento e estudo nas bacias do Espinharas, Sabugi e Quipauá-Barra Nova, a localização dos sítios com gravuras rupestres estão em fazendas e sítios, lugares estes onde são desenvolvidas atividades agropecuárias. Durante o trabalho de pesquisa foi possível observarmos a coincidência entre os sítios com gravuras e a implantação de centenárias fazendas de gado. Dos quatorze sítios levantados, doze apresentam no seu entorno algum tipo de intervenção pela atividade agropecuária, sejam as construções de barragens e açudes, seja a prática da agricultura ou os cercados para a criação do rebanho bovino.

2.3.2- Intemperismo

O intemperismo, aqui compreendido como o conjunto de processos mecânicos, químicos e biológicos que ocasionam a desintegração e a decomposição das rochas, é o fator primordial para a conservação ou degradação dos sítios rupestres, tendo em vista que agem diretamente sobre o suporte onde foram realizadas as pinturas e gravuras.

Para M. Toledo e J. Melfi (2009, p.140), "os fatores que controlam a ação dos intemperismos são: o clima, que se expressa na variação sazonal da temperatura e na distribuição das chuvas; o relevo, que influi no regime de infiltração e drenagem das águas pluviais; a fauna e a flora que fornecem matéria orgânica para reações químicas e remobilizam materiais, a rocha parental, que segundo sua natureza, apresenta resistência diferenciada aos

processos de alteração intempérica e, finalmente, o tempo de exposição da rocha aos agentes intempéricos”.

Todos os processos que causam desagregação das rochas, com separação dos grãos minerais antes coesos e com sua fragmentação constituem o intemperismo físico. Os fatores que contribuem para essa ação são de origem climática (variações de temperaturas, de umidade, de chuvas, de ventos, fenômenos elétricos, exposição ao sol, erosão, fratura e esfoliação da rocha, água superficial e de infiltração). Mudanças cíclicas de umidade associada à variação térmica podem causar expansão e contração, provocando enfraquecimento e fragmentação das rochas. Esse mecanismo é bastante eficiente no semi-árido nordestino onde a diferença de temperatura entre o dia e a noite é muito marcada.

As diferenças observadas entre a superfície da terra e os ambientes onde as rochas se formaram provocam um desequilíbrio nestas quando afloram à superfície da Terra. A essas alterações denominamos de intemperismo químico que tem na água seu principal agente intempérico.

Os sítios com gravuras rupestres aqui estudados sofrem em sua grande totalidade sob os efeitos do intemperismo físico e/ou químico, constituindo-se hoje no principal desafio para a conservação e permanência desse valioso patrimônio arqueológico, conforme mostrado na figura 1.



Figura 1: Intemperismo físico

Foto: Gustavo Maia

2.3.3- Fatores Antrópicos ou Artificiais

A utilização de suportes rochosos para expressões gráficas não se restringe às populações indígenas. Nos sítios estudados é comum a presença de intervenções atuais de inscrições de nomes e datas associadas às gravuras das primeiras populações. Tal fenômeno recebe variadas denominações como: fatores antrópicos ou artificiais de destruição, inscrições alfanuméricas, pichações, “detonas”, dentre outros (Figura 2).



Foto: Gustavo Maia

Figura 2: Degradação antrópica

O termo “detonas” foi aqui citado por ser uma denominação bastante singular e fruto de um auto-conceito desenvolvido por um dos maiores nomes da pichação em Pernambuco, Shevchenko, garoto em situação social de risco que encontrou na pichação uma maneira de se afirmar e ser respeitado entre os colegas. Em entrevista concedida ao Diário de Pernambuco em 17/02/2008, esse rapaz de 21 anos foi questionado sobre o nome que ele daria a sua atividade e respondeu que “é feio chegar em um canto e dizer que faço pichação, prefiro chamar de “detona”.



Foto: Francisco Brito

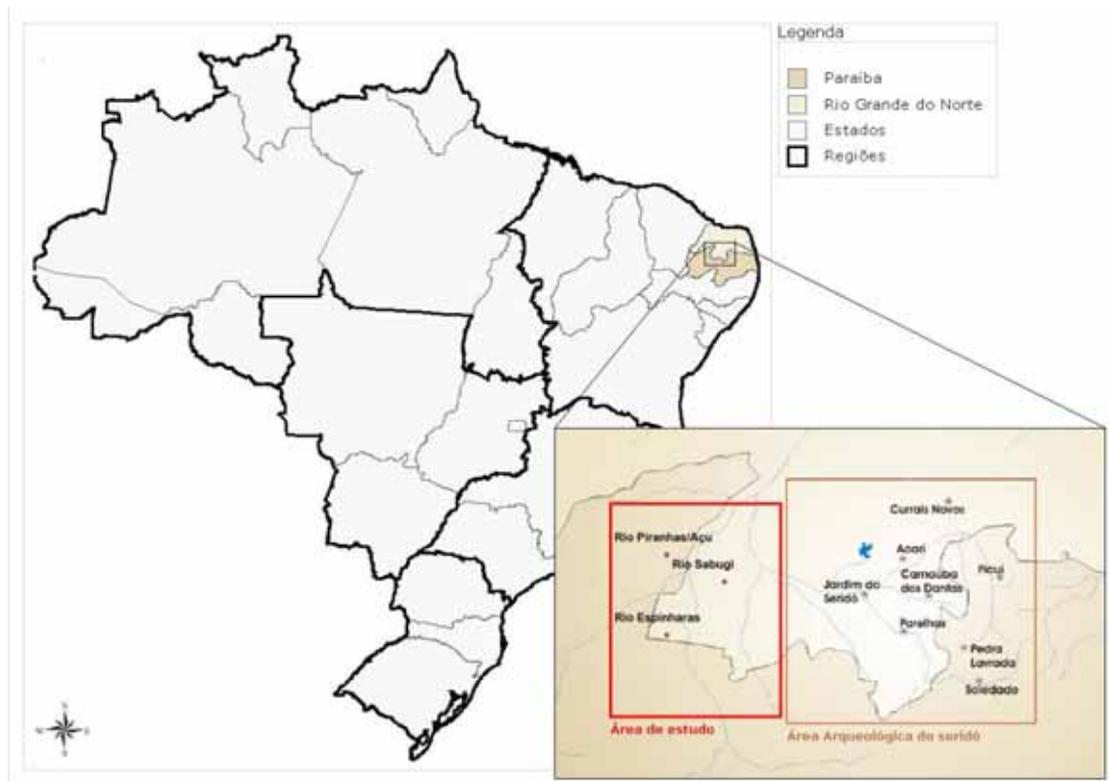
Figura 3 e 4: Degradação antrópica

Independentemente da denominação, o importante é reter que esse é um aspecto que contribui para descaracterizar os sítios rupestres, sejam eles de pinturas ou gravuras. Na área estudada, foi possível observamos que esta prática vem desde 1925 e que são realizadas até o presente, como o que encontramos fazendo referência a Nossa Senhora em 2002. Acreditamos que só um trabalho de educação patrimonial junto às populações envolvidas, aliado a outras iniciativas de esclarecimento, a exemplo de aposição de placas, reconhecimento dos sítios como patrimônio cultural, dentre outros, é que essas “expressões contemporâneas” poderão ser contidas.

3- METODOLOGIA DA PESQUISA

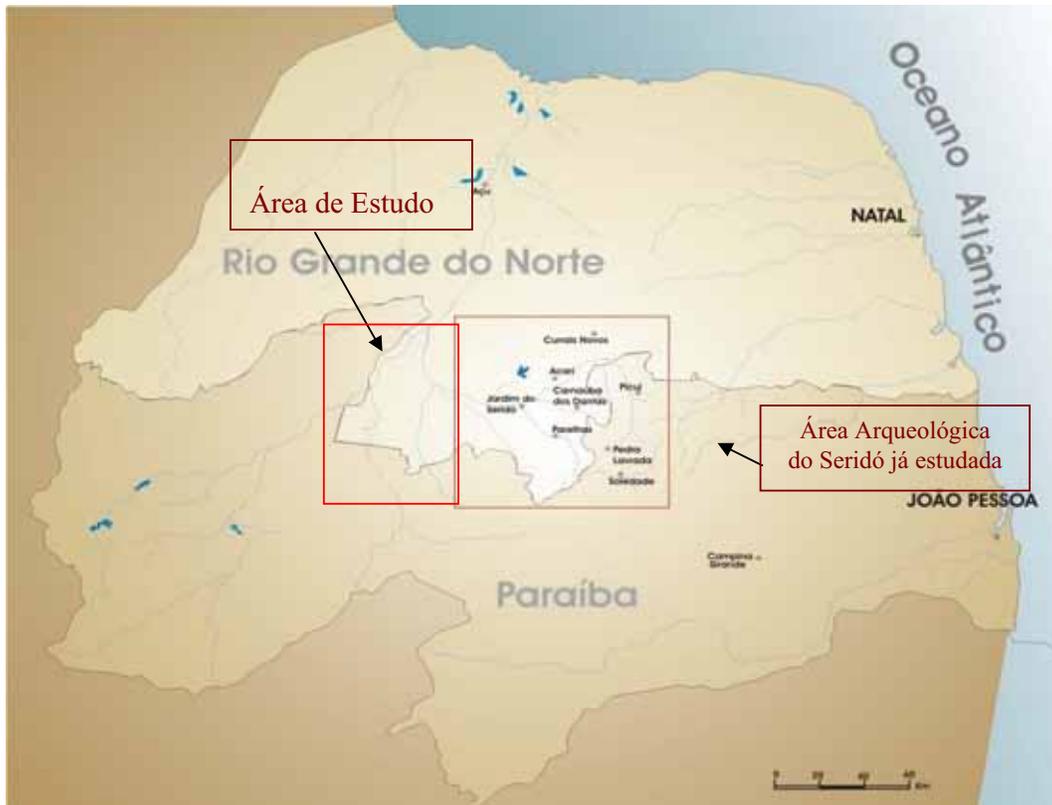
3.1- Área de estudo

Estudamos as bacias do Sabugi/Espinharas/Quipauá-Barra Nova, que compõem o chamado Seridó paraibano e norte-riograndense. Essa região é conhecida geomorfologicamente como Depressão Sertaneja que compreende uma área de 112.431Km (Figura 5a).



Autor: Constantino

Figura 5a: Área Arqueológica do Seridó



Autor: MARTIN & PESSIS, 2002: 44

Figura 5b: Área Arqueológica do Seridó

A posição geográfica da Depressão Sertaneja (Figura 6) revela o caráter periférico e interplanáltico da mesma, circundando os compartimentos elevados da região ou se estendendo a partir das bases escarpadas dos planaltos. Ela tem seus limites entre as depressões e os níveis elevados de planaltos como Borborema e Ibiapaba e a chapada de Araripe.

A área estudada encontra-se na unidade chamada Depressão Interplanáltica Central e dispõe-se de forma semicircular em torno do Planalto da Borborema e do Planalto Sertanejo, com declives em direção aos fundos de vales e no litoral. Nesta depressão, sobressaem relevos residuais em feições geomorfológicas as mais distintas: as vezes são alongadas em forma de cristas quartzíticas, dispostas segundo direção SO-NE; noutras apresentam topos convexados esculpido em granito e gnaisses. Estas elevações apresentam vertentes abruptas e desnudas e na base é constante a presença de caos de blocos.

Os rios Sabugi, Espinharas e Quipauá-Barra Nova fazem parte da grande bacia hidrográfica do rio Piranhas/Açu, que ocupa uma posição centro oriental nos estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba. Está posicionada de forma assimétrica na sua bacia, sendo a área de sua margem direita (da qual faz parte o Sabugi, Espinharas e Quipauá-Barra Nova) até o limite com o divisor de água, bem maior que a área de sua margem esquerda.

Destacam-se como tributários do rio Piranhas-Açu os rios Pindoba, Garganja, Seridó, Espinharas, Sabugi, Piancó e Quipauá-Barra Nova, que são os maiores afluentes da margem direita; e o rio do Peixe, que se destaca como principal da margem esquerda. São todos rios de caráter transitório, correndo unicamente na época das chuvas; o Piranhas se tornou perene somente a partir da construção de duas barragens: uma localizada na Paraíba e outra no Rio Grande do Norte – esta última próximo ao litoral.

Nas áreas da região do Seridó, o índice pluviométrico varia entre 400 e 800mm anuais. A região apresenta uma vegetação tipo Estepe Arbórea Aberta em sua forma raquítica. Sua composição florística, bastante simples, tem como espécies dominantes, sobre um extrato herbáceo-graminóide temporáreo, o Pereiro (*Aspidosperma Pijrifolium*), a Faveleira (*Cnidocolus Phyllacanthus*) e Jurema Preta (*mimosa hostilis*), o Xique-xique (*Pilosocereus gounellei*), encontrado em abundância sobre afloramentos rochosos, Caraibeiras (*Tabebuia Craiba*), Imburanas (*Bursera Leptophloes*), Angicos (*Anadenanthera Macrocarpa*), dentre outras.

O semi-árido caracteriza-se por ser muito quente e sazonalmente seco, assim o período de chuvas não somente é reduzido como também é incerto. De qualquer maneira, pode-se observar que as paisagens não são homogêneas e a vegetação de caatinga apresenta variações quanto à localização, principalmente relacionadas à compartimentação topográfica. Assim, podemos verificar a caatinga arbórea próxima de baixas encostas, nos brejos de altitudes, e, principalmente, ao longo dos leitos dos riachos, onde se localizam todos os sítios de gravuras pesquisados.



Foto: Gustavo Maia

Figura 6: Depressão Sertaneja

3.2. O Problema de Estudo

Considerando-se que a região do Seridó norte rio-grandense e paraibano já foram abordados por trabalhos como os de MARTIN (1997, 2003), MORAIS (1994), ALMEIDA (1979), BRITO (2007), SANTOS (2007), dentre outros que tratam dos registros rupestres existentes nessas áreas do sertão nordestino, acreditamos ser pertinente a problematização desenvolvida nessa pesquisa, que visa verificar se os perfis gráficos encontrados nos vales do Sabugi, do Espinharas e do Quipauá-Barra Nova retêm elementos que marcam semelhanças ou diferenças com outras áreas já estudadas nos trabalhos supra citados.

No intuito de alcançarmos tais objetivos observamos as gravuras rupestres sob uma ótica sistêmica considerando-a “como um modelo formal que permite descrever um fenômeno de maneira sistemática, analisando seu funcionamento, buscando as hierarquias e as relações dos seus componentes” (cf.KAPLAN, MINNERS, 1981). Para tanto foram observados os aspectos de técnicas de execução das gravuras, a cenografia ou disposição dos gravados

nos suportes rochosos e a paisagem, com o intuito de podermos compreender o fenômeno das gravuras numa perspectiva de área arqueológica.

Esta pesquisa está inserida dentro de uma perspectiva estabelecida desde o final dos anos de 1980 pelo Núcleo de Estudos Arqueológicos (NEA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e pela Fundação Museu do Homem Americano (FUNDHAM) e que tem como objetivo:

[...] estudar o povoamento do Nordeste do Brasil, das origens até a colonização, procurando segregar as distintas unidades culturais, caracterizadas pelos respectivos complexos técnico-culturais no espaço e no tempo, a fim de identificarem os grupos étnicos que povoaram a região Nordeste do país. Nesta perspectiva parte-se de uma abordagem analítica que não considera os sítios arqueológicos apenas como unidade de estudo, mas como um território de exploração, sistema mais extenso que permite estudar, diacronicamente, a interação homem-meio. Procurando-se, dessa forma, estabelecer as rotas do povoamento e segregar os grupos étnicos desta região em diferentes unidades espaço temporais, através de caracterização dos complexos técnicos e culturais de cada grupo histórico (cf Guidon, Pessis, Martin, 1990)".

Nesse sentido, este trabalho trata dos registros rupestres gravados, desenhos feitos nas rochas, as chamadas Itacoatiaras contidas em quatorze sítios arqueológicos, localizados nos municípios de Serra Negra do Norte (totalizando nove sítios), Caicó (um sítio), Timbaúba dos Batistas (três sítios) e Jardim de Piranhas (também com um sítio), sendo todos esses municípios integrantes da microrregião do Seridó, no estado do Rio Grande do Norte.

No intento de testarmos a hipótese levantada de que estaríamos trabalhando com uma área arqueológica¹¹ que apresenta uma possível "identidade gráfica", fomos impulsionados pelos trabalhos de pesquisas sistemáticas desenvolvidas na região do Seridó paraibano e potiguar, como o de Maranhão (2003), que trabalhou com nove sítios de gravuras (Figuras 7 a 24).



¹¹ “Uma área arqueológica, como categoria de entrada para o início e continuidade sistemática de uma pesquisa deve ter limites flexíveis dentro de uma unidade ecológica que participe das mesmas características geo-ambientais.” (MARTIN,1997).

Figura 7: Cachoeira do Pedro (Picui/PB)



Figura 8: Cachoeira dos Fundões (Carnaúba dos Dantas/RN)



Figura 9: Cacimba das Cabras (Picui/PB)



Figura 10: Cachoeira dos Fundões (Carnaúba dos Dantas/RN)



Figura 11: Cachoeira dos Fundões (Carnaúba dos Dantas/RN)



Figura 12: Sitio das Marcas (Jardim do Seridó/RN)



Figura 13: Sitio dos Grossos (Acari/RN)



Figura 14: Sitio dos Grossos (Acari/RN)



Figura 15: Sitio dos Grossos (Acari/RN)



Figura 19: Cachoeira do Pedro (Picui/PB)



Figura 20: Cachoeira do Pedro (Picui/PB)



Figura 21: Cacimba das Cabras (Picui/PB)

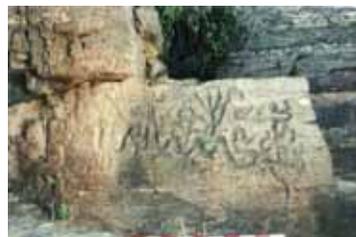


Figura 22: Cacimba das Cabras (Picui/PB)



Figura 23: Cacimba das Cabras (Picui/PB)



Figura 24: Sitio dos Grossos (Acari/RN)

Figuras: 07 a 24: Autor: Raoni Maranhão

Consideramos aqui “identidade gráfica” como um conjunto de características que permitem atribuir um conjunto de grafismos a uma determinada autoria social. Essas características constituem padrões de representação gráfica que correspondem a certas características culturais. A identidade gráfica de uma tradição é a reunião das feições próprias de cada um desses indicadores (morfologia, temática, apresentação gráfica, cenográfica, técnica e cronológica), o comportamento padrão dos indicadores dentro de um dado corpus gráfico, que tende a variar no espaço-tempo. (PESSIS, 1993)

Observamos ainda, o levantamento de sítios nas áreas contínuas e contíguas à que foi trabalhada por nós, localizada no sertão da Paraíba, que foram estudadas por Almeida (1979), o qual registrou vários sítios nas bacias hidrográficas do Espinharas, Sabugi e Piranhas no vizinho estado.

E finalmente no Seridó paraibano, o levantamento feito por MORAES (1994) na área conhecida como Vale do Sabugi, além de trabalhos publicados por membros da Sociedade Paraibana de Arqueologia, como BRITO (2007) e SANTOS (2007), que versam sobre sítios rupestres na região dos Cariris e do Seridó paraibano, como podemos depreender pelas figuras a seguir reproduzidas.



Figura 25: Sítio Furnas (São Mamede/PB)



Figura 26: Sítio Furnas (São Mamede/PB)



Figura 27: Sitio Furnas (São Mamede/PB)



Figura 28: Sitio Furnas (São Mamede/PB)



Figura 29: Sitio Furnas (São Mamede/PB)



Figura 30: Sitio Furnas (São Mamede/PB)



Figura 31: Sitio Pedra Branca (São Mamede/PB)



Figura 32: Sitio Pedra Branca (São Mamede/PB)



Figura 33: Sítio Pedra Branca (São Mamede/PB)



Figura 34: Sítio Pedra Branca (São Mamede/PB)



Figura 35: Sítio Pedra Branca (São Mamede/PB)



Figura 36: Sítio Pedra Branca (São Mamede/PB)



Figura 37: Sítio Pedra Branca (São Mamede/PB)



Figura 38: Sítio Pedra Branca (São Mamede/PB)



Figura 39: Sítio Tapera (São Mamede/PB)



Figura 40: Sítio Tapera (São Mamede/PB)



Figura 41: Sítio Tapera (São Mamede/PB)



Figura 42: Sítio Tapera (São Mamede/PB)



Figura 43: Sítio Tapera (São Mamede/PB)



Figura 44: Sítio Tapera (São Mamede/PB)



Figura 45: Sítio Tapera (São Mamede/PB)



Figura 46: Sítio Tapera (São Mamede/PB)

Figuras 25 a 46 Autor: Vanderley de Brito

As gravuras rupestres aqui estudadas são vistas em conformidade com os estudos de PESSIS (1982, 1983, 1984, 1986, 1987, 1989, 1992, 1993, 2003), ou seja: são concebidas na qualidade de códigos de comunicação gráfica próprios das comunidades pré-históricas. Tendo como apoio esse referencial, podemos afirmar que, no caso das gravuras por nós analisadas, encontramos códigos de significados fechados, inacessíveis nas suas características morfológicas e temáticas. Em razão disso, e tendo em vista também o fato de que estas populações desapareceram, podemos afirmar que o significado delas está para sempre perdido. Assim, para esses tipos de registros rupestres, sejam pintados sejam gravados, convencionou-se chamar como “grafismos puros”.

3.3. Métodos e Técnicas

A metodologia desenvolvida para análise do material arqueológico constou de um processo que parte do levantamento e da localização dos sítios; prossegue com a análise das técnicas de execução das gravuras e da morfologia dos suportes rochosos; foca na relação entre a paisagem e os sítios e na observação do estado de conservação dos painéis. O registro dos sítios foi feito a partir do levantamento fotográfico, primeiramente empregando o sistema analógico e, depois, o digital.

O registro fotográfico obedeceu a um protocolo que considerou não apenas o meio ambiente relativo ao entorno do sítio, mas também o próprio sítio, com os grafismos rupestres. Levou em consideração, ainda, o estado de conservação e as condições do suporte rochoso. Os sítios arqueológicos foram fotografados empregando a metodologia proposta por Pessis (2000), que propõe que as fotografias dos registros gráficos sejam realizadas da esquerda para a direita, levando em conta a segregação dos painéis em função da identificação de espaços sem grafismos entre os conjuntos rupestres.

Sempre que possível, as fotografias foram realizadas respeitando o ângulo de 90° em relação ao eixo central dos grafismos, para evitar distorções de ângulo da imagem. Em relação à iluminação, foram escolhidos os horários com melhor incidência de luz no suporte dos registros rupestres. Nas áreas de sombra dos abrigos e dos lajedos foram utilizados rebatedores para possibilitar uma iluminação adequada ao procedimento fotográfico. Acrescenta-se que o equipamento utilizado para o registro fotográfico foi uma câmara Nikon D70s, com lentes de 18-70mm, 100-300mm, close up n°4 e um tripé.

Os pontos de localização geográfica dos sítios foram coletados utilizando o GPS *Garmin Etrex Vista* com o erro horizontal máximo de 12m, visando inserir a área de estudo no sistema de informação geográfica.

As fichas foram elaboradas com o objetivo de responder as questões que o trabalho se propôs a observar. Para tanto utilizamos dados fornecidos

pelo Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) e o trabalho de Raoni Maranhão (2003), anteriormente citado.

A primeira parte da ficha contém informações referentes a localização dos sítios, dados sobre o proprietário do terreno, tipo de vegetação e uso atual. Na segunda, foram observados os aspectos referentes à geo-morfologia dos sítios e seu estado de conservação. Essa parte da ficha foi preenchida com ajuda do geólogo Saulo Ferreira de Oliveira, que nos acompanhou a todos os sítios estudados. A terceira parte da ficha trata da análise das técnicas de execução das gravuras, seguido pela cenografia onde os sítios são descritos a partir da distribuição dos grafismos e da paisagem.

3.4. Técnicas de execução de gravuras

As técnicas de execução utilizadas na criação de gravuras apresentam variações que guardam relação direta com o contexto geo-ambiental de cada sítio e com os diferentes tipos de suporte petrográficos disponíveis na região pesquisada.

Com relação aos sítios arqueológicos podemos observar a existência de quatro técnicas de execução na elaboração de registros: a raspagem simples; raspagem simples com posterior polimento; picotagem simples e picotagem simples com posterior polimento.

A técnica de raspagem simples é “proveniente de um gesto que aplica contato superficial entre dois corpos, em sentido unidirecional ou bidirecional, isto é, a mão que empunha o instrumento abrasivo executa movimentos num único sentido ou em dois (ida e volta) que deixa visíveis irregularidades nas bordas e no interior dos sulcos, oriundas da textura natural da rocha ou de percussão, quando precedida por esta. Além de ser pouco repetitivo demanda pouco tempo de trabalho ao ser executado” (MARANHÃO, 2003, p.105). Todos os sítios estudados apresentam gravuras executadas com esta técnica.

. A técnica de raspagem com posterior polimento “abrange os mesmos procedimentos técnicos de raspagem sendo acrescentados movimentos extras, multidirecionais, no interior dos sulcos, realizados com outros elementos

abrasivos como areia e água, deixando marcas mais profundas” (SANTOS JR 2007,p.7).

A picotagem simples se constitui de uma técnica onde “o traço é obtido por uma série de pequenos impactos contínuos feitos com um instrumento com ponta” (PESSIS, 2002 p.36).

E, por último, a técnica da picotagem com posterior polimento, que abrange os mesmos procedimentos técnicos anteriores, acrescentando-se movimentos extras, em várias direções, no interior dos sulcos realizados com outros elementos abrasivos como areia e água, propiciando gravuras mais profundas.

3.5. Sobre a análise sistêmica

Ao considerarmos este trabalho dentro de um enfoque sistêmico no qual a primazia da investigação está centrada nas relações internas e externas, ou seja, entre variáveis de um determinado sistema cultural, podemos inferir que essas variáveis são passíveis de identificação e inter-relação, mediante um aporte metodológico específico que as considere como atributos caracterizadores.

No nosso caso, o método adotado atribui como sistema os registros rupestres gravados e toma como variáveis a técnica de execução das gravuras e cenografia além de dois componentes do ambiente, bem como a paisagem onde está inserido o sítio e a petrografia do suporte rochoso.

Assim o procedimento aqui utilizado, que permite a elaboração de perfis gráficos sob uma análise sistêmica, opera dentro de uma investigação analítica, com base na segregação e caracterização dos atributos e na inter-relação dos mesmos.

Ao acreditamos que estes atributos se apresentam hierarquizados, estabelecemos o caracterizador técnico como primeiro nível de confiabilidade. O tipo de técnica, predominante em nossa área, apresenta características específicas que são recorrentes nos sítios e nos possibilita observar estes padrões de execução.

No segundo nível dentro dessa hierarquia, encontra-se a cenografia, que diz respeito ao estudo das relações espaciais entre os componentes gráficos. Os padrões cenográficos recorrentes podem indicar escolhas culturais específicas e expressas numa identidade espacial da área.

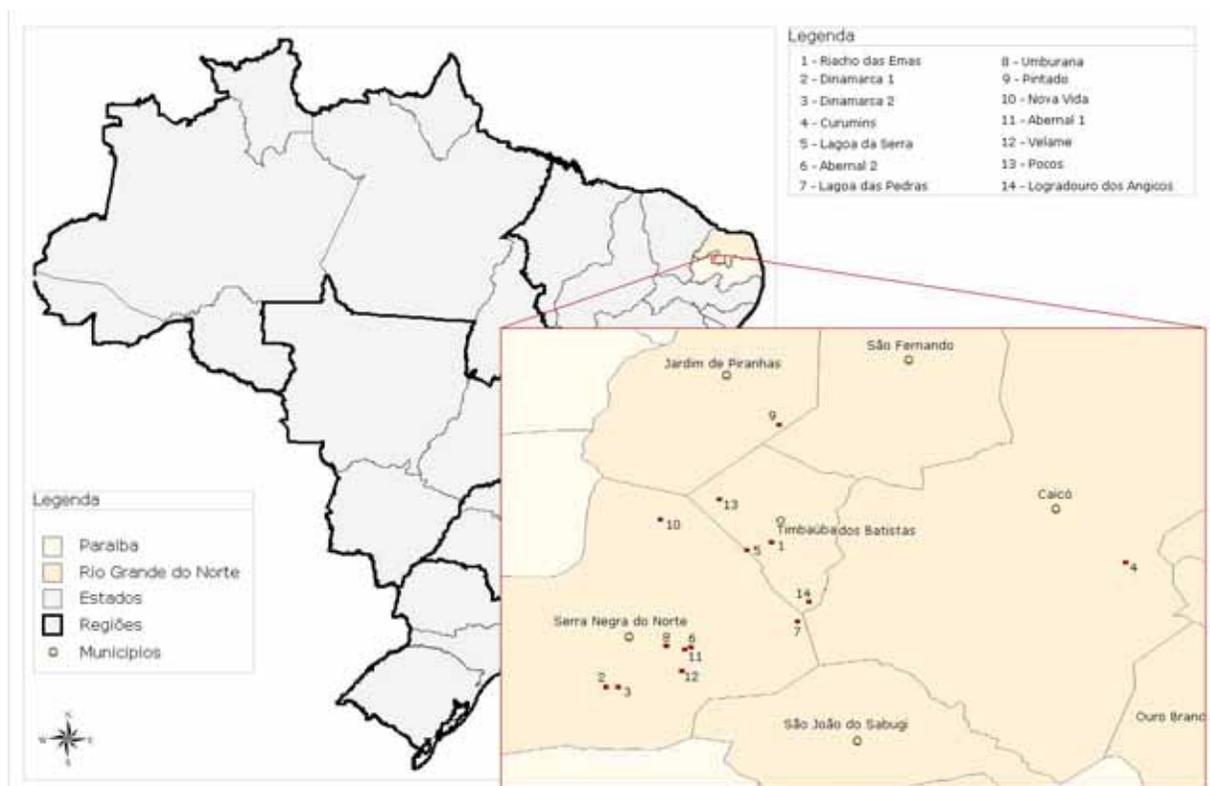
Numa terceira ordem hierárquica, temos a paisagem geomorfológica dos sítios, apresentando uma constante disposição dos mesmos, nas margens e leitos dos riachos da região.

No último patamar hierárquico, encontra-se a petrografia do suporte rochoso. Os sítios trabalhados encontram-se, na sua grande maioria, gravados na rocha granítica sinalizando, provavelmente, uma escolha cultural.

Nesse sentido, a busca de perfis gráficos para a área aqui proposta pode ser considerada uma estrutura sistêmica caracterizada por elementos técnicos, cenográficos, geomorfológicas e petrográficos. Todos esses aspectos estão sistematizados dentro de uma ordem hierarquizada, orientada no sentido de identificação de padrões gráficos.

4. DESCRIÇÃO DOS SÍTIOS

Foram identificados um total de 14 sítios, sendo 9 no município de Serra Negra do Norte, 1 no município de Caicó, 1 no município de Jardim de Piranhas e 3 no município de Timbaúba dos Batistas, como mostra a Figura 47. As características geomorfológicas, a análise das técnicas de execução das gravuras e a cenografia de cada sítio serão apresentadas abaixo:



Autor: Constantino

Figura 47: Disposição geográfica dos sítios.

4.1. Ficha do Sítio: Dinamarca I

Município: Serra Negra do Norte

UF: RN

Localidade: Fazenda Dinamarca

Descrição Sumária do Sítio: Sítio com gravura rupestre

Nome do Proprietário do Terreno: Ivanildo Moraes Lobo

Localização por GPS: UTM 24M 0679247 /9260938

Altitude (em relação ao nível do mar): 195m

Época de Observação: 2005/2007

Vegetação: Caatinga

Uso Atual do Terreno: Estrutura de Fazenda

1- Características geomorfológicas

1.1 Situação do sítio: o sítio se encontra gravado em rocha granítica.

1.2 Marcas hidrológicas: sem marcas hidrológicas.

1.3 Condições de Sondagem geológica: não

1.4 Intemperismo: esfoliação esferoidal típica de granito, como também intemperismo químico gerado pela atuação da água, gerando reações que alteram a composição da rocha como também dos minerais. Intemperismo físico atuante devido à amplitude térmica presente nas regiões de clima semi-árido.

1.5 Estado de conservação de suporte rochoso¹²: ruim

1.6 Refugio arqueológico: desprovido de estratigrafia arqueológica.

1.7 Tipo e composição do suporte rochoso: rocha granítica leucocrática equigranular, de granulação fina.

1.8 Estrutura morfológica: granítica homogênea de estrutura granular com presença de diques e veios pegmatíticos.

2- Análise das técnicas de execução das gravuras: Raspagem e um ponto com picotagem e polimento compondo uma figura .

¹² Score de avaliação: < 25% (RUIM); entre 25 e < 50% (REGULAR); ≥ 50% (BOM)

3- Cenografia: um único painel (espaço gráfico) com aproximadamente 12 figuras. Aparece uma intrusão em um espaço entre as gravuras, raspado parecendo um A maiúsculo. Este painel (aproximadamente 2,0 x 2.0m) é tudo que resta de uma grande área de Granito quase que totalmente sujeita a ação do intemperismo físico.



Autor: Gustavo Maia

Figura 48: Dinamarca I (Paisagem)



Autor: Gustavo Maia

Figura 49: Dinamarca I (Detalhe)



Autor: Gustavo Maia

Figura 50: Dinamarca I (Painel)

4.2. Ficha do Sítio Dinamarca II

Município: Serra Negra do Norte

UF: RN

Localidade: Fazenda Dinamarca

Descrição Sumária do Sítio: Sítio com gravura rupestre

Nome do Proprietário do Terreno: Ivanildo Morais Lobo

Localização por GPS: UTM 24M 0680242 /9260938

Altitude (em relação ao nível do mar): 196m

Época de Observação: 2005/2007

Vegetação: Caatinga

Uso Atual do Terreno: Estrutura de Fazenda

1- Características geomorfológicas

1.1 Situação do sítio: o sítio se encontra gravado em rocha granítica como também em ortognaisse melanocrático.

1.2 Marcas hidrológicas: com marcas hidrológicas

1.3 Condições de Sondagem geológica: não

1.4 Intemperismo: esfoliação esferoidal típica de granito, como também intemperismo químico gerado pela atuação da água, gerando reações que alteram a composição da rocha como também dos minerais. Intemperismo físico atuante devido a amplitude térmica presente nas regiões de clima semi-árido.

1.5 Estado de conservação de suporte rochoso: regular

1.6 Refugo arqueológico: desprovido de estratigrafia arqueológica.

1.7 Tipo e composição do suporte rochoso: rocha granítica leucocrática equigranular, de granulação fina á média. Ortognaisse melanocrático rico em biotita.

1.8 Estrutura morfológica: rocha granítica homogênea de estrutura granular e ortognaisse bem foliado, com laminação milimétrica a centimétrica.

2- Análise das técnicas de execução das gravuras: raspagem, raspagem com polimento, picotagem com polimento.

3- Cenografia: o Sítio encontra-se em um grande lajedo no leito do riacho que desce formando uma corredeira no sentido Leste/Oeste. As gravuras encontram-se dispersas em suportes horizontais e verticais. Observa-se escolhas diferenciadas dos suportes para técnicas também diferenciadas. Sofre a ação de intemperismo físico, físico-químico e antrópico.



Autor: Gustavo Maia

Figura 51: Dinamarca II (Paisagem)



Autor: Gustavo Maia

Figura 52: Dinamarca II (Painel)

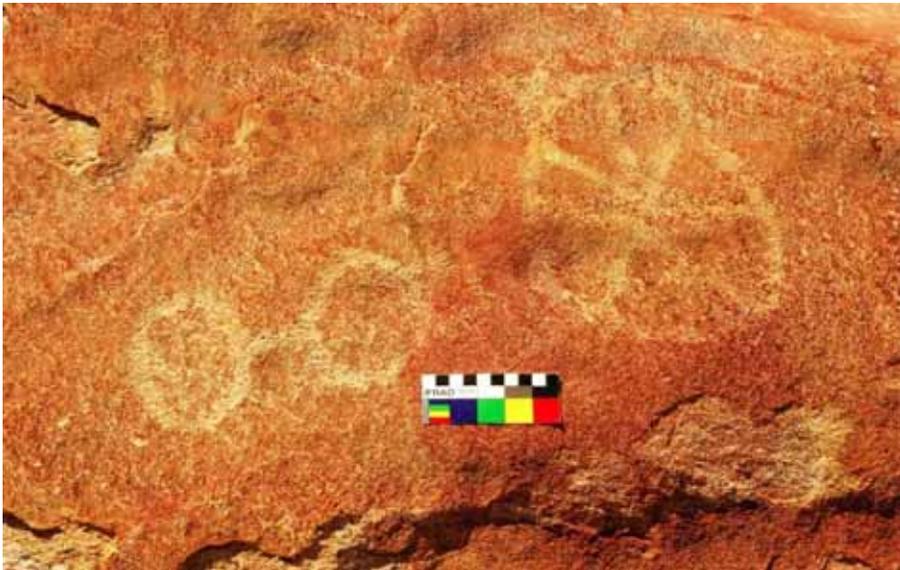


Figura 53: Dinamarca II (Detalhe)

Autor: Gustavo Maia

4.3. Ficha do Sítio Velame

Município: Serra Negra do Norte

UF: RN

Localidade: Fazenda Velame

Descrição Sumária do Sítio: Sítio com gravura rupestre

Nome do Proprietário do Terreno: Sérgio Lucena

Localização por GPS: UTM 24M 0685597/ 9262660

Altitude (em relação ao nível do mar): 203m

Época de Observação: 2005/2007

Vegetação: Caatinga

Uso Atual do Terreno: Estrutura de Fazenda

1- Características geomorfológicas

1.1 Situação do sítio: o sitio se encontra gravado em rocha granítica.

1.2 Marcas hidrológicas: sem marcas hidrológicas.

1.3 Condições de Sondagem geológica: não

1.4 Intemperismo: esfoliação esferoidal típica de granito, como também intemperismo químico gerado pela atuação da água, gerando reações que alteram a composição da rocha como também dos minerais. Intemperismo

físico atuante devido à amplitude térmica presente nas regiões de clima semi-árido.

1.5 Estado de conservação de suporte rochoso: ruim

1.6 Refugo arqueológico: desprovido de estratigrafia arqueológica.

1.7 Tipo e composição do suporte rochoso: rocha granítica leucocrática equigranular, de granulação fina a média.

1.8 Estrutura morfológica rocha granítica homogênea de estrutura granular.

2- Análise das técnicas de execução das gravuras: raspagem.

3- Cenografia: O sítio apresenta apenas um painel com poucas figuras visíveis, toda a sua volta encontra-se intemperizada por agentes físicos.



Autor: Gustavo Maia

Figura 54: Velame (Paisagem)



Autor: Gustavo Maia

Figura 55: Velame (Painel)



Autor: Gustavo Maia

Figura 56: Velame (Detalhe)

4.4. Ficha do Sítio Logradouro dos Angicos

Município: Timbauba dos Batistas

UF: RN

Localidade: Fazenda Logradouro dos Angicos

Descrição Sumária do Sítio: Sítio com gravura rupestre

Nome do Proprietário do Terreno: José Genézio de Medeiros

Localização por GPS: UTM 24M 0696197 /9270080

Altitude (em relação ao nível do mar):

Época de Observação: 2005/2007

Vegetação: Caatinga

Uso Atual do Terreno: Estrutura de Fazenda

1- Características geomorfológicas

1.1 Situação do sítio: O sítio se encontra gravado em matacões de granito (localizado no encontro de dois riachos) e em lajedo da mesma rocha. Localizado no leito do riacho.

1.2 Marcas hidrológicas: no ortognaisse como no granito.

1.3 Condições de Sondagem geológica: sim

1.4 Intemperismo: esfoliação esferoidal típica de granito, como também intemperismo químico gerado pela atuação da água, gerando reações que alteram a composição da rocha como também dos minerais. Intemperismo físico atuante devido à amplitude térmica presente nas regiões de clima semi-árido.

1.5 Estado de conservação de suporte rochoso: nas áreas onde não há marcas hidrológicas na rocha as gravuras estão num bom estado de conservação, as gravuras que se encontram no leito do riacho apresentam ruim estado de conservação.

1.6 Refugio arqueológico: as áreas de encontro dos dois riachos há presença de solo bem formado onde há possibilidade de refugio arqueológico.

1.7 Tipo e composição do suporte rochoso: rocha granítica leucocrática equigranular, de granulação fina.

1.8 Estrutura morfológica: rocha granítica homogênea de estrutura granular

2- Análise das técnicas de execução das gravuras: raspagem, picotagem com polimento, raspado com polimento.

3- Cenografia: O sítio apresenta três áreas distintas com gravuras.

3.1 Em um Lajedo de granito situado na margem direita do riacho Bento Gonçalves. As gravuras então dispostas em todas as direções do suporte.

3.2 No leito do riacho numa área de corredeira. São poucas gravuras em decorrência do intemperismo físico e a erosão provocado pela corrente de água.

3.3 Em uma área mais elevada a esquerda do riacho encontramos gravuras raspadas e com picotagem e posterior polimento. Encontram-se dispostas em dois suportes distintos e se apresentam bem conservadas.



Autor: Gustavo Maia

Figura 57: Logradouro dos Angicos (Paisagem)



Autor: Gustavo Maia

Figura 58: Logradouro dos Angicos (Painel)



Autor: Gustavo Maia

Figura 59: Logradouro dos Angicos (Detalhe)

4.5. Ficha do Sítio Poços

Município: Timbauba dos Batistas

UF: RN

Localidade: Fazenda Poços

Descrição Sumária do Sítio: Sítio com gravura rupestre

Nome do Proprietário do Terreno: Felisberto de Araújo

Localização por GPS: UTM 24M 0688742 /9281188

Altitude (em relação ao nível do mar): 173m

Época de Observação: 2005/2007

Vegetação: Caatinga

Uso Atual do Terreno: Estrutura de Fazenda

1- Características geomorfológicas

1.1 Situação do sítio: sítio se encontra gravado em lajedo de rocha granítica como também num augengnaisse.

1.2 Marcas hidrológicas: marcas hidrológicas no ortognaisse como no granito.

1.3 Condições de Sondagem geológica: não

1.4 Intemperismo: esfoliação esferoidal típica de granito, como também intemperismo químico gerado pela atuação da água, gerando reações que alteram a composição da rocha como também dos minerais. Intemperismo físico atuante devido a amplitude térmica presente nas regiões de clima semi-árido.

1.5 Estado de conservação de suporte rochoso: alternando de regular a ruim.

1.6 Refugio arqueológico: desprovido de estratigrafia arqueológica.

1.7 Tipo e composição do suporte rochoso: rocha granítica leucocrática equigranular, de granulação fina. Como também um ortognaisse tipo augen com indícios de movimentação, foliação bem definida.

1.8 Estrutura morfológica: rocha granítica homogênea de estrutura granular; ortognaisse com foliação bem definida.

2- Análise das técnicas de execução das gravuras: raspagem simples, picotagem com polimento, raspagem com posterior polimento, picotagem simples.

3- Cenografia: Os painéis encontram-se dispersos por quase duzentos metros ao longo do leito do riacho. Nas corredeiras encontram-se gravuras nas partes mais altas dos lajedos, que estão dispostas nas posições verticais e horizontais. As técnicas de execução variam de acordo com as escolhas do suporte, podendo ter mais de uma técnica associada nos mesmos painéis.



Figura 60: Sítio Poços (Paisagem)

Autor: Gustavo Maia



Figura 61: Sítio Poços (Painel)

Autor: Gustavo Maia



Figura 62: Sítio Poços (Detalhe)

Autor: Gustavo Maia

4.6. Ficha do Sítio Abernal I

Município: Serra Negra do Norte

UF: RN

Localidade: Fazenda Abernal

Descrição Sumária do Sítio: Sítio com gravura rupestre

Nome do Proprietário do Terreno: Sandra Medeiros

Localização por GPS: UTM 24M 0685839 /9264950

Altitude (em relação ao nível do mar): 199m

Época de Observação: 2005/2007

Vegetação: Caatinga

Uso Atual do Terreno: Estrutura de Fazenda

1- Características geomorfológicas

1.1 Situação do sítio: sitio se encontra gravado em rocha granítica.

1.2 Marcas hidrológicas: sem marcas hidrológicas

1.3 Condições de Sondagem geológica: não

1.4 Intemperismo: esfoliação esferoidal típica de granito, como também intemperismo químico gerado pela atuação da água, gerando reações que alteram a composição da rocha como também dos minerais. Intemperismo físico atuante devido a amplitude térmica presente nas regiões de clima semi-árido.

1.5 Estado de conservação de suporte rochoso: ruim

1.6 Refugio arqueológico: desprovido de estratigrafia arqueológica.

1.7 Tipo e composição do suporte rochoso: rocha granítica leucocrática equigranular, de granulação fina.

1.8 Estrutura morfológica: rocha granítica homogênea de estrutura granular. com presença de diques e veios.

2- Análise das técnicas de execução das gravuras: raspagem simples, picotagem com polimento mais raspagem, raspagem com posterior polimento.

3- Cenografia: As gravuras encontram-se dispostas em um grande lajedo de granito na margem esquerda do riacho Pitomba. Acreditamos que toda área

era gravada, no entanto fatores intempéricos só permitem hoje a visualização de partes da área gravada.



Figura 63: Sitio Abernal I (Paisagem)

Autor: Gustavo Maia



Figura 64: Sitio Abernal I (Painel)

Autor: Gustavo Maia



Figura 65: Sítio Aternal I (Detalhe)

Autor: Gustavo Maia

4.7. Ficha do Sítio Aternal II

Município: Serra Negra do Norte

UF: RN

Localidade: Fazenda Aternal

Descrição Sumária do Sítio: Sítio com gravura rupestre

Nome do Proprietário do Terreno: Ivan Dantas de Medeiros

Localização por GPS: UTM 24M 0686353 /9265236

Altitude (em relação ao nível do mar): 195m

Época de Observação: 2005/2007

Vegetação: Caatinga

Uso Atual do Terreno: Estrutura de Fazenda

1- Características geomorfológicas

1.1 Situação do sítio: o sítio se encontra gravado em rocha granítica.

1.2 Marcas hidrológicas: com marcas hidrológicas

1.3 Condições de Sondagem geológica: não

1.4 Intemperismo: esfoliação esferoidal típica de granito, como também intemperismo químico gerado pela atuação da água, gerando reações que

alteram a composição da rocha como também dos minerais. Intemperismo físico atuante devido à amplitude térmica presente nas regiões de clima semi-árido.

1.5 Estado de conservação de suporte rochoso: ruim

1.6 Refugio arqueológico: desprovido de estratigrafia arqueológica.

1.7 Tipo e composição do suporte rochoso: rocha granítica leucocrática equigranular, de granulação fina a média.

1.8 Estrutura morfológica: rocha granítica homogênea de estrutura granular com presença de diques e veios.

2- Análise das técnicas de execução das gravuras: raspagem simples, picotagem com raspagem, raspagem com posterior polimento, picotagem com polimento, picotagem simples.

3- Cenografia: As gravuras encontram-se dispersas em todas as posições num grande lajedo de granito localizado na margem direita do riacho Pitomba. É notável a diversidade de técnicas de execução, e a utilização de mais de uma técnica na confecção de algumas figuras.



Figura 66: Sítio Abernal II (Paisagem)

Autor: Gustavo Maia



Autor: Gustavo Maia

Figura 67: Sítio Aternal II (Painel)



Autor: Gustavo Maia

Figura 68: Sítio Aternal II (Detalhe)

4.8. Ficha do Sítio Riacho das Emas

Município: Serra Negra do Norte

UF: RN

Localidade: Fazenda Riacho das Emas

Descrição Sumária do Sítio: Sítio com gravura rupestre

Nome do Proprietário do Terreno: Não determinado.

Localização por GPS: UTM 24M 06°93'112"/92°76'528"

Altitude (em relação ao nível do mar): 188m

Época de Observação: 2005/2007

Vegetação: Caatinga

Uso Atual do Terreno: Estrutura de Fazenda

1- Características geomorfológicas

1.1 Situação do sítio: o sítio se encontra gravado em rocha metamórfica - ortognaisse.

1.2 marcas hidrológicas: com marcas hidrológicas

1.3 Condições de Sondagem geológica: não

1.4 Intemperismo: esfoliação esferoidal gerando deslocamento na rocha, como também intemperismo químico gerado pela atuação da água, gerando reações que alteram a composição da rocha como também dos minerais. Intemperismo físico atuante devido a amplitude térmica presente nas regiões de clima semi-árido.

1.5 Estado de conservação de suporte rochoso: bom

1.6 Refugio arqueológico: desprovido de estratigrafia arqueológica.

1.7 Tipo e composição do suporte rochoso: ortognaisse de granulação fina a média, localmente migmatizado com oxidação marcante e foliação bem definida. Diques de rocha granítica leucocrática equigranular, de granulação fina.

1.8 Estrutura morfológica: rocha metamórfica foliada de estrutura gnáissica.

2- Análise das técnicas de execução das gravuras: raspagem simples, picotagem com polimento, raspagem com posterior polimento, picotagem com polimento mais raspagem com posterior polimento.

3- Cenografia: As gravuras encontram-se por mais de duzentos metros ao longo do leito do riacho. Apesar de apresentar gravuras em suportes horizontais e verticais, notamos uma predominância dos painéis mais densamente gravados para o lado leste de onde provém a água. Em um bloco

situado no lado esquerdo do leito do riacho encontram-se alguns elementos gravados que parecem ser fruto de ação antrópica recente.



Figura 69: Sítio Riacho das Emas(Paisagem)

Autor: Gustavo Maia



Autor: Gustavo Maia

Figura 70: Sítio Riacho das Emas(Painel)



Autor: Gustavo Maia

Figura 71: Sítio Riacho das Emas(Detalhe)

4.9. Ficha do Sítio Curumins

Município: Caicó

UF: RN

Localidade: Fazenda Cachoeira

Descrição Sumária do Sítio: Sítio com gravura rupestre

Nome do Proprietário do Terreno: Júlio Gorgônio

Localização por GPS: UTM 24M 0722647 /9274220

Altitude (em relação ao nível do mar): 206m

Época de Observação: 2005/2007

Vegetação: Caatinga

Uso Atual do Terreno: Estrutura de Fazenda

1- Características geomorfológicas

1.1 Situação do sítio: o sítio se encontra gravado em rocha granítica.

1.2 marcas hidrológicas: com marcas hidrológicas

1.3 Condições de Sondagem geológica: não

1.4 Intemperismo: esfoliação esferoidal típica de granito, como também intemperismo químico gerado pela atuação da água, gerando reações que alteram a composição da rocha como também dos minerais. Intemperismo físico atuante devido a amplitude térmica presente nas regiões de clima semi-árido.

1.5 Estado de conservação de suporte rochoso: regular

1.6 Refugio arqueológico: desprovido de estratigrafia arqueológica.

1.7 Tipo e composição do suporte rochoso: rocha granítica leucocrática.

1.8 Estrutura morfológica: rocha granítica de estrutura granular. com presença de diques e veios.

2- Análise das técnicas de execução das gravuras: picotagem com polimento, raspagem com posterior polimento, raspagem simples, picotado com polimento mais raspagem.

3- Cenografia: As gravuras encontram-se na sua maioria em plano vertical, voltadas para direção nordeste. O matacão encontra-se no meio do leito riacho.



Figura 72: Sítio Curumins (Paisagem)

Autor: Gustavo Maia

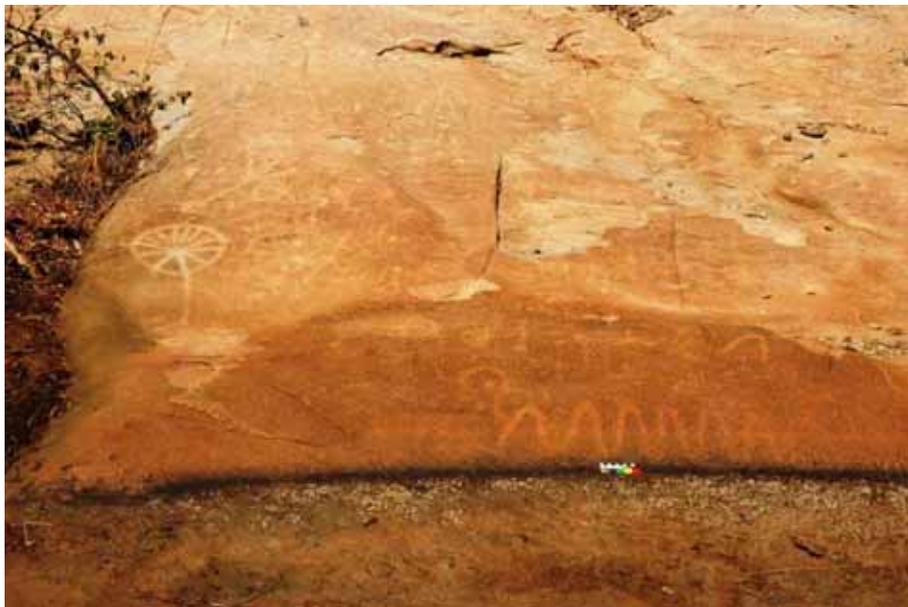


Figura 73: Sitio Curumins (Painel)

Autor: Gustavo Maia



Figura 74: Sitio Curumins (Detalhe)

Autor: Gustavo Maia

4.10. Ficha do Sítio Nova Vida

Município: Serra Negra do Norte

UF: RN

Localidade: Fazenda Nova Vida

Descrição Sumária do Sítio: Sítio com gravura rupestre

Nome do Proprietário do Terreno:

Localização por GPS: UTM 24M 0680972 /9278980

Altitude (em relação ao nível do mar):

Época de Observação: 2005/2007

Vegetação: Caatinga

Uso Atual do Terreno: Estrutura de Fazenda

1- Características geomorfológicas

1.1 Situação do sítio: o sítio se encontra gravado em rocha metamórfica gnáissica - ortognaisse.

1.2 marcas hidrológicas: com marcas hidrológicas

1.3 Condições de Sondagem geológica: não

1.4 Intemperismo: intemperismo químico gerado pela atuação da água, gerando reações que alteram a composição da rocha como também dos minerais. Intemperismo físico atuante devido a amplitude térmica presente nas regiões de clima semi-árido. Erosão fluvial devido ao riacho cortar todo sítio.

1.5 Estado de conservação de suporte rochoso: bom

1.6 Refúgio arqueológico: desprovido de estratigrafia arqueológica.

1.7 Tipo e composição do suporte rochoso ortognaisse cinza, rico em minerais máficos.

1.8 Estrutura morfológica: ortognaisse com foliação bem visível, com tectônica de baixo ângulo, indícios de augen presente, e bandamento félsico se confundindo com os veios da rocha.

2- Análise das técnicas de execução das gravuras: picotagem simples, picotagem com posterior polimento, raspagem simples, picotagem simples mais raspagem simples, raspagem com posterior polimento.

3- Cenografia: Sítio com grande número de gravuras dispersas em blocos isolados, no leito da corredeira em posições vertical e horizontal. O Sítio apresenta um bom grau de conservação com poucas intervenções antrópicas recentes.



Figura 75: Sítio Nova Vida (Paisagem)

Autor: Gustavo Maia



Figura 76: Sítio Nova Vida (Painel)

Autor: Gustavo Maia



Figura 77: Sítio Nova Vida (Detalhe)

Autor: Gustavo Maia

4.11. Ficha do Sítio Umburana

Município: Serra Negra do Norte

UF: RN

Localidade: Fazenda Abernal

Descrição Sumária do Sítio: Sítio com gravura rupestre

Nome do Proprietário do Terreno: Sandra Honorato

Localização por GPS: UTM 24M 0684312 /9265358

Altitude (em relação ao nível do mar): 179m

Época de Observação: 2005/2007

Vegetação: Caatinga

Uso Atual do Terreno: Estrutura de Fazenda

1- Características geomorfológicas

1.1 Situação do sítio: o sítio se encontra gravado em rocha granítica.

1.2 marcas hidrológicas: sem marcas hidrológicas

1.3 Condições de Sondagem geológica: não

1.4 Intemperismo: esfoliação esferoidal típica de granito neste caso apresentando um grau avançado de alteração superficial da rocha, como também intemperismo químico gerado pela atuação da água, gerando reações que alteram a composição da rocha como também dos minerais. Intemperismo físico atuante devido à amplitude térmica presente nas regiões de clima semi-árido.

1.5 Estado de conservação de suporte rochoso: ruim

1.6 Refugio arqueológico: desprovido de estratigrafia arqueológica.

1.7 Tipo e composição do suporte rochoso: rocha granítica leucocrática equigranular, de granulação fina.

1.8 Estrutura morfológica: rocha granítica homogênea de estrutura granular.

2- Análise das técnicas de execução das gravuras: raspagem simples, picotagem com polimento mais raspagem simples, raspagem com posterior polimento.

3- Cenografia: localizado na margem direita do riacho pitomba, o sítio apresenta o mesmo problema de conservação das gravuras apresentados nos sítios que se encontram no mesmo riacho, devido à ação de forte intemperismo físico. Restam hoje menos de 25% da área gravada. As gravuras estão dispostas no lajedo em todas as direções.



Figura 78: Sítio Umbrana (Paisagem)

Autor: Gustavo Maia



Figura 79: Sitio Umurana (Painel)

Autor: Gustavo Maia



Figura 80: Sitio Umurana (Detalhe)

Autor: Gustavo Maia

4.12. Ficha do Sítio Lagoa da Serra

Município: Serra Negra do Norte

UF: RN

Localidade: Fazenda Lagoa da Serra

Descrição Sumária do Sítio: Sítio com gravura rupestre

Nome do Proprietário do Terreno: Carlos Rosa

Localização por GPS: UTM 24M 0691057 /9275662

Altitude (em relação ao nível do mar): 207m

Época de Observação: 2005/2007

Vegetação: Caatinga

Uso Atual do Terreno: Estrutura de Fazenda

1- Características geomorfológicas

1.1 Situação do sítio: o sítio se encontra gravado em rocha granítica.

1.2 marcas hidrológicas: sem marcas hidrológicas

1.3 Condições de Sondagem geológica: não

1.4 Intemperismo: esfoliação esferoidal típica de granito, como também intemperismo químico gerado pela atuação da água, gerando reações que alteram a composição da rocha como também dos minerais. Intemperismo físico atuante devido a amplitude térmica presente nas regiões de clima semi-árido.

1.5 Estado de conservação de suporte rochoso: ruim

1.6 Refugio arqueológico: desprovido de estratigrafia arqueológica.

1.7 Tipo e composição do suporte rochoso: rocha granítica leucocrática equigranular, de granulação fina, coloração rósea.

1.8 Estrutura morfológica: rocha granítica homogênea de estrutura granular. com presença de diques e veios.

2- Análise das técnicas de execução das gravuras: raspagem simples, picotagem simples, picotagem com polimento.

3- Cenografia: localizado no leito riacho o sítio encontra-se com quase toda sua extensão(um lajedo de granito disposto na horizontal) destruído devido a ação do intemperismo físico. É possível observar em vários locais os resquícios de áreas anteriormente gravadas.



Figura 81: Sítio Lagoa da Serra (Paisagem)

Autor: Gustavo Maia



Figura 82: Sítio Lagoa da Serra (Painel)

Autor: Gustavo Maia



Figura 83: Sítio Lagoa da Serra (Detalhe)

Autor: Gustavo Maia

4.13. Ficha do Sítio Lagoa das Pedras

Município: Serra Negra do Norte

UF: RN

Localidade: Fazenda Lagoa das Pedras

Descrição Sumária do Sítio: Sítio com gravura rupestre

Nome do Proprietário do Terreno: Cipriano Alves da Costa

Localização por GPS: UTM 24M 0695254 /9267944

Altitude (em relação ao nível do mar): 219m

Época de Observação: 2005/2007

Vegetação: Caatinga

Uso Atual do Terreno: Estrutura de Fazenda

1- Características geomorfológicas

1.1 Situação do sítio: o sítio encontra-se gravado em rocha granítica

1.2 marcas hidrológicas: sem marcas hidrológicas

1.3 Condições de Sondagem geológica: sim

1.4 Intemperismo: esfoliação esferoidal típica do granito. Intemperismo físico atuante devido a amplitude térmica presente nas regiões de clima semi-árido.

1.5 Estado de conservação de suporte rochoso: bom

1.6 Refugio arqueológico: a presença de sedimento cobrindo áreas do suporte com gravuras possibilita a existência de refugio arqueológico.

1.7 Tipo e composição do suporte rochoso: rocha granítica leucocrática equigranular de granulação fina.

1.8 Estrutura morfológica: rocha granítica homogênea de estrutura granular.

2- Análise das técnicas de execução das gravuras: picotagem com polimento, raspagem simples, raspagem com polimento, raspagem polimento mais picotagem com polimento, raspagem mais picotagem com polimento, picotagem simples.

3- Cenografia: é notável a escolha dos painéis verticais para a utilização da técnica de raspagem simples, enquanto nos planos horizontais encontramos as figuras executada com outras técnicas. As gravuras encontram-se dispostas numa área de mais de 150 metros, em todos os sentidos (norte, sul, leste e oeste) e posições (vertical e horizontal). É um sítio densamente gravado, onde todos os suportes que o compõem são utilizados pelos gravadores. Alguns apresentam sedimentos bem próximos às gravuras, o que pode indicar a presença de outros grafismos soterrados. Existência de ação antrópica recente como inscrições alfa numéricas.



Figura 84: Sítio Lagoa das Pedras (Paisagem)

Autor: Gustavo Maia



Figura 85: Sítio Lagoa das Pedras (Painel)

Autor: Gustavo Maia



Figura 86: Sítio Lagoa das Pedras (Detalhe)

Autor: Gustavo Maia

4.14. Ficha do Sítio Pintado

Município: Jardim de Piranhas

UF: RN

Localidade: Fazenda Pintado

Descrição Sumária do Sítio: Sítio com gravura rupestre

Nome do Proprietário do Terreno: Deda dos Oito Baixos

Localização por GPS: UTM 24M 0693819 /9289230

Altitude (em relação ao nível do mar):

Época de Observação: 2005/2007

Vegetação: Caatinga

Uso Atual do Terreno: Estrutura de Fazenda

1- Características geomorfológicas

1.1 Situação do sítio: sítio se encontra gravado em rocha granítica.

1.2 marcas hidrológicas: sem marcas hidrológicas

1.3 Condições de Sondagem geológica: não

1.4 Intemperismo: esfoliação esferoidal típica de granito e uma erosão diferencial em forma de sulcos ou cavas na rocha, além de apresentar um

fraturamento parecido com cretas de dessecação, como também intemperismo químico gerado pela atuação da água, gerando reações que alteram a composição da rocha como também dos minerais. Intemperismo físico atuante devido a amplitude térmica presente nas regiões de clima semi-árido.

1.5 Estado de conservação de suporte rochoso: regular

1.6 Refugio arqueológico: desprovido de estratigrafia arqueológica.

1.7 Tipo e composição do suporte rochoso: rocha granítica leucocrática equigranular, de granulação fina.

1.8 Estrutura morfológica: rocha granítica homogênea de estrutura granula

2- Análise das técnicas de execução das gravuras: raspagem, polimento, raspagem com posterior polimento e picotagem com polimento.

3- Cenografia: estende-se num grande serrote (denominação local para elevações de porte médio). As gravuras do sítio estendem-se ao longo de aproximadamente 150 metros. Seu acervo é muito rico, sendo um sítio de relevância para compreendermos essas populações de gravadores.



Autor: Gustavo Maia

Figura 87: Sítio Pintado (Paisagem)



Figura 88: Sítio Pintado (Painel)

Autor: Gustavo Maia



Figura 89: Sítio Pintado (Detalhe)

Autor: Gustavo Maia

5- RECORRÊNCIA MORFOLÓGICA DAS GRAVURAS

No conjunto gráfico estudado, nos quatorze sítios vistos anteriormente, foram selecionados painéis nos quais foram encontrados grafismos com recorrência morfológicas, que foram segredados a fim de verificar se esta amostra constituiria num perfil gráfico para a região.

5.1- Recorrência 1

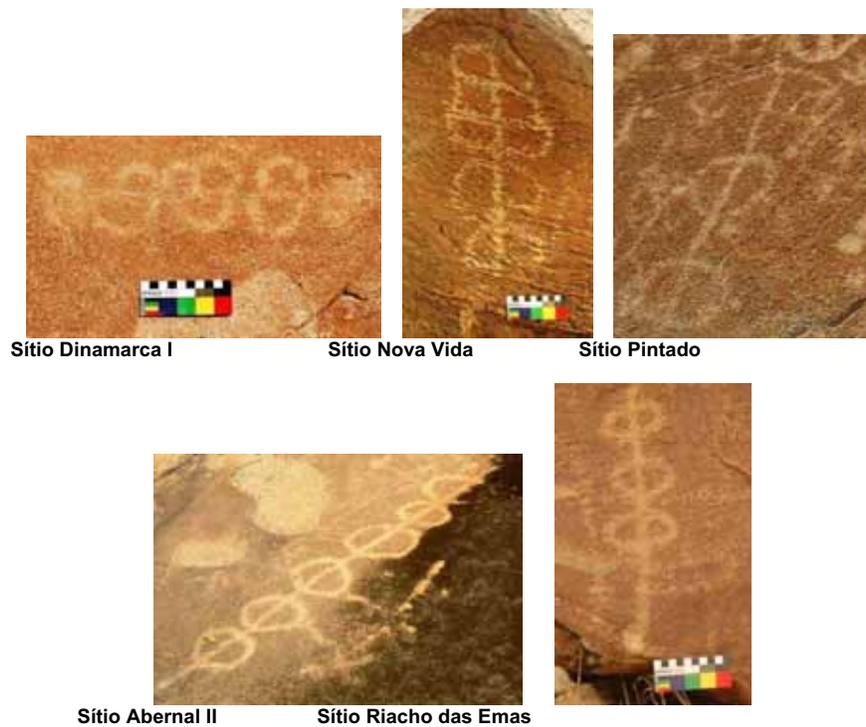


Figura 90: Recorrência 1

5.2- Recorrência 2



Sítio Dinamarca I



Sítio Pintado



Sítio Poços



Sítio Poços



Sítio Abernal II



Sítio Curumins



Sítio Curumins

Figura 91: Recorrência 2

5.3- Recorrência 3



Sítio Dinamarca II



Sítio Lagoa da Serra



Sítio Lagoa da Serra



Sítio Lagoa das Pedras



Sítio Nova Vida



Sítio Pintado



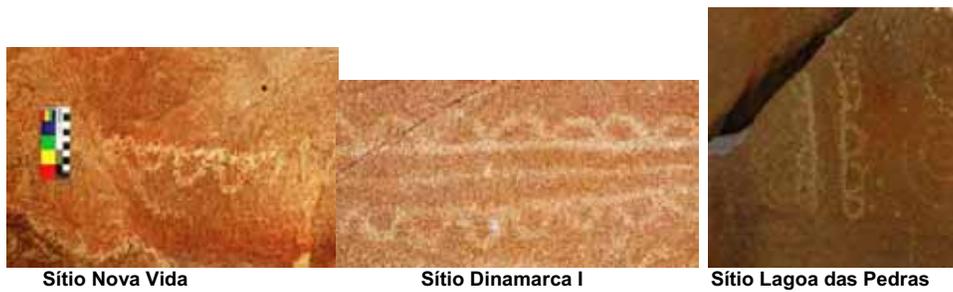
Sítio Poços



Sítio Curumins

Figura 92: Recorrência 3

5.4- Recorrência 4



Sítio Nova Vida

Sítio Dinamarca I

Sítio Lagoa das Pedras

Figura 93: Recorrência 4

5.5- Recorrência 5



Sítio Abernal I

Sítio Dinamarca II

Sítio Lagoa das Pedras

Sítio Pintado

Sítio Pintado

Sítio Umbarana

Sítio Velame

Sítio Curumins

Sítio Riacho das Emas

Figura 94: Recorrência 5

5.6- Recorrência 6

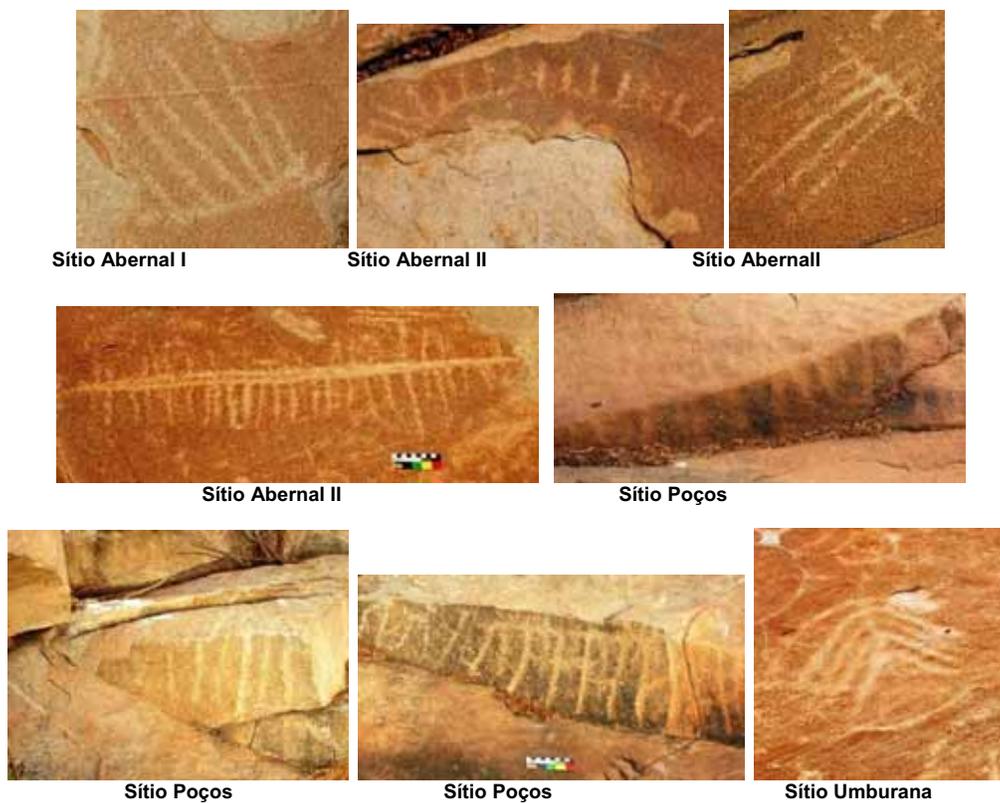


Figura 95: Recorrência 6

5.7- Recorrência 7

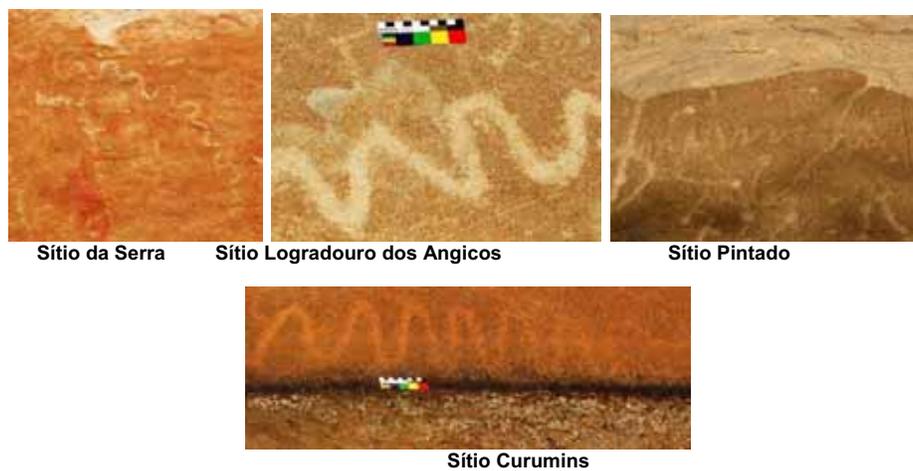


Figura 96: Recorrência 7

5.8- Recorrência 8



Figura 97: Recorrência 8

5.9- Recorrência 9

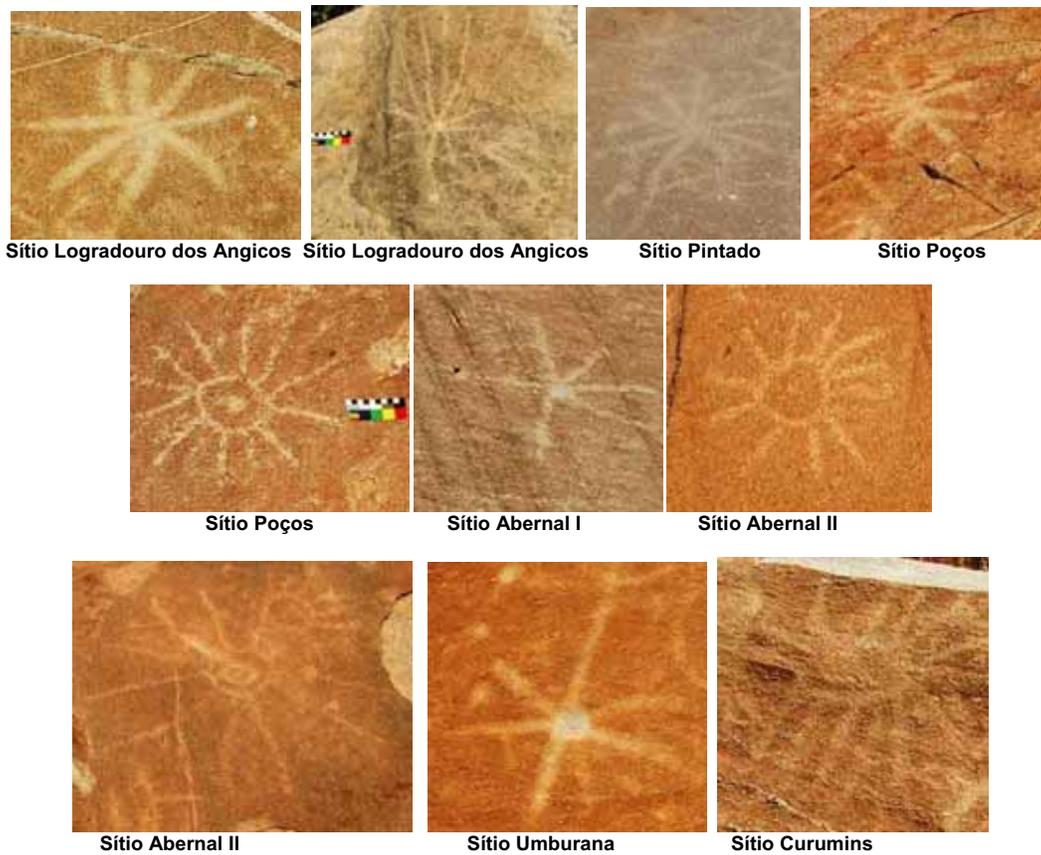


Figura 98: Recorrência 9

5.10- Recorrência 10

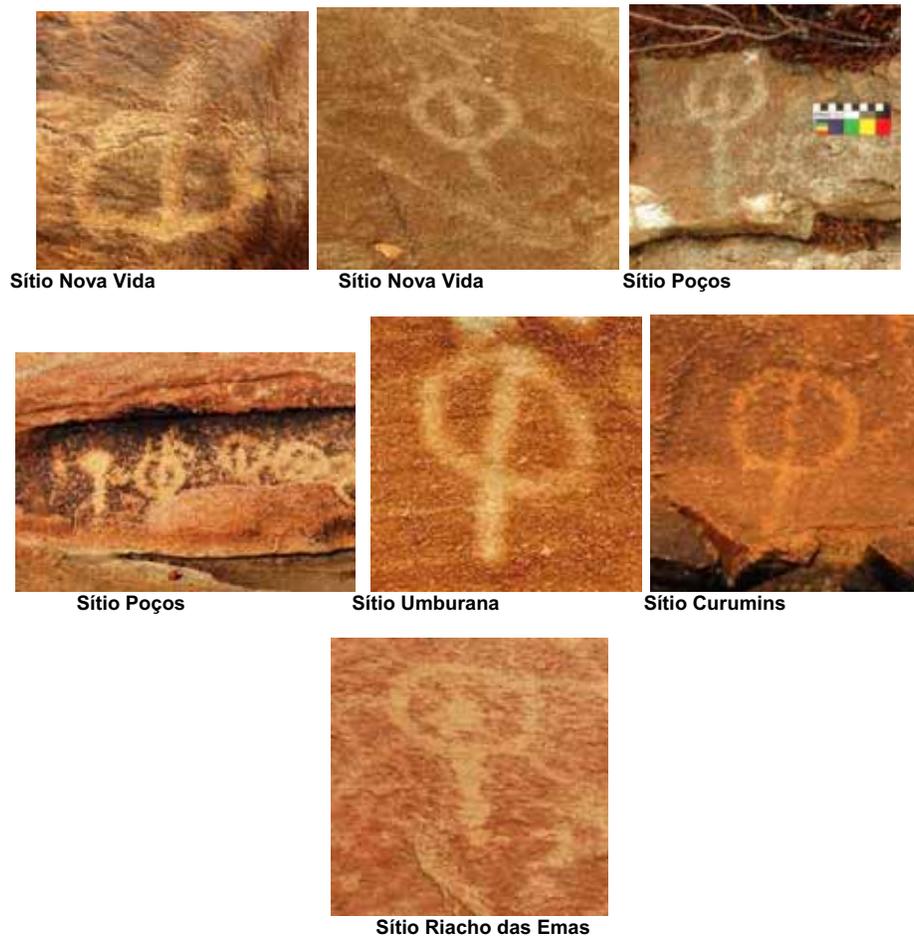


Figura 99: Recorrência 10

5.11- Recorrência 11



Sítio Dinamarca I



Sítio Dinamarca II



Sítio Lagoa das Pedras



Sítio Logradouro dos Angicos



Sítio Nova Vida



Sítio Nova Vida



Sítio Pintado



Sítio Poços



Sítio Poços



Sítio Poços



Sítio Abernal I



Sítio Abernal I



Sítio Abernal II



Sítio Umurana



Sítio Vilema



Sítio Curumins

Sítio Riacho das Emas

Sítio Logradouro dos Angicos

Figura 100: Recorrência 11

5.12- Recorrência 12



Sítio Lagoa da Serra

Sítio Lagoa das Pedras

Sítio Nova Vida



Sítio Nova Vida

Sítio Nova Vida

Sítio Poços



Sítio Abernal II

Sítio Abernal II

Sítio Poços

Figura 102: Recorrência 12

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção do trabalho, apresentamos a análise em conjunto das principais características encontradas quando da descrição dos sítios arqueológicos estudados e fazemos o cotejo desses achados com a realidade das áreas de localização dos referidos sítios.

Iniciamos com uma primeira constatação: os sítios avaliados encontram-se em franco processo de degradação. Na ausência de parâmetros na literatura para avaliar o grau de conservação das gravuras, estabelecemos escores de conservação para cada sítio: bom, regular e ruim. Dessa forma, podemos afirmar que menos de 25% das gravuras conservadas foi considerado ruim; entre 25 e 50% regular; e mais de 50%, bom. Assim, do total dos 14 sítios analisados, 86% apresentaram estado de conservação ruim e regular, ou melhor, apenas 14% dos sítios têm um bom estado de conservação (Figura 102).

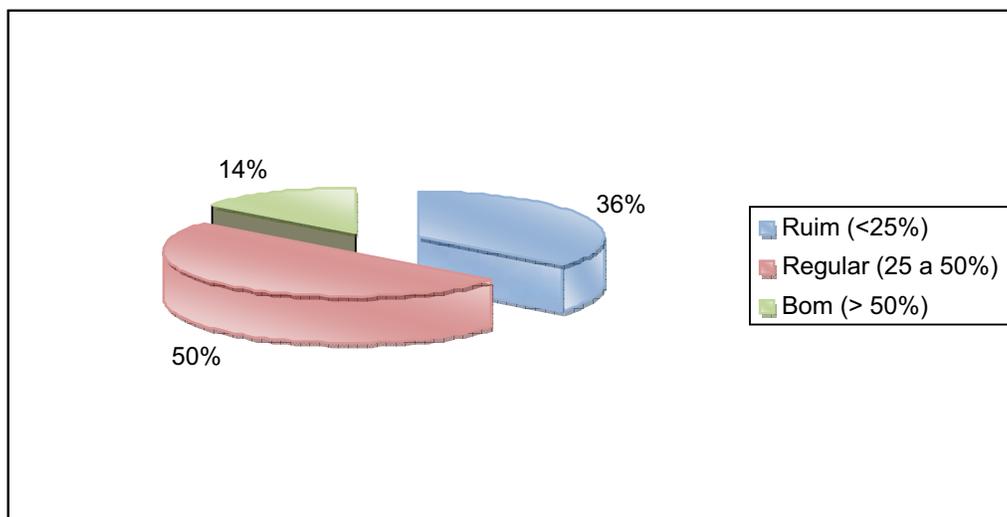


Figura 102: Estado de conservação dos sítios arqueológicos

Devido ao fato de os sítios arqueológicos se encontrarem, em sua totalidade, em áreas particulares de fazendas, é de se supor que foram sendo paulatinamente incorporados aos bens dos proprietários das terras com a expansão da pecuária e agricultura. A presença de inscrições alfanuméricas, também denominada intemperismo antrópico recente, remonta aos anos de 1920 (registro do autor); observamos que iniciais de nomes próprios e datas foram gravadas durante décadas seguidas em diversos sítios. Ao se analisar o intemperismo antrópico, conforme mostra a Figura 103, constatamos que em mais da metade dos sítios (57%) havia inscrições alfanuméricas.

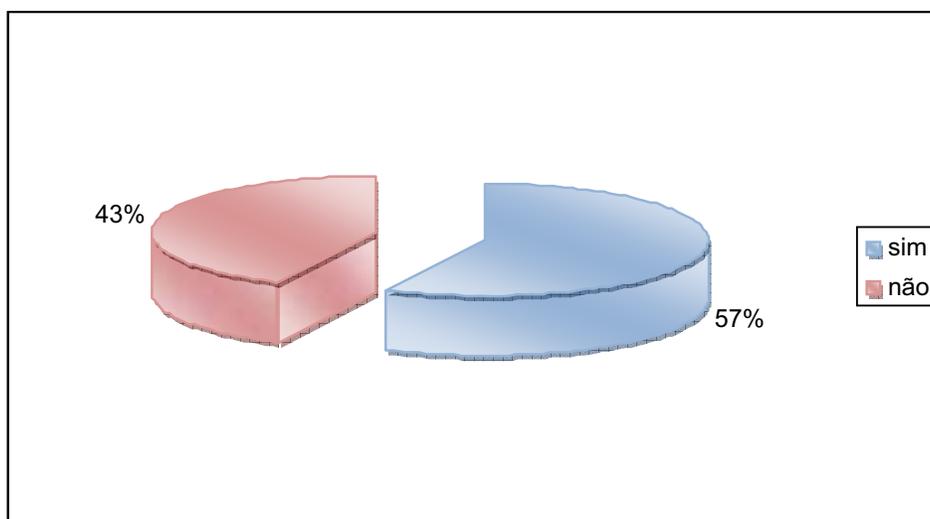


Figura 103: Presença de intemperismo antrópico recente

Em relação ao suporte rochoso, podemos afirmar que a maioria dos sítios (72%) encontra-se gravado em granito, sendo que 21% em rocha granítica associada com ortognaisse, e apenas 7%, em augengnaisse. Acreditamos que a escolha do suporte rochoso, além de revelar as opções geológicas disponíveis, aponta uma clara preferência dos gravadores por entroncamentos rochosos ou lajedos graníticos que se encontram nas margens dos rios e riachos das bacias hidrográficas do Espinharas, Sabugi e Barra Nova, como demonstra a Figura 104.

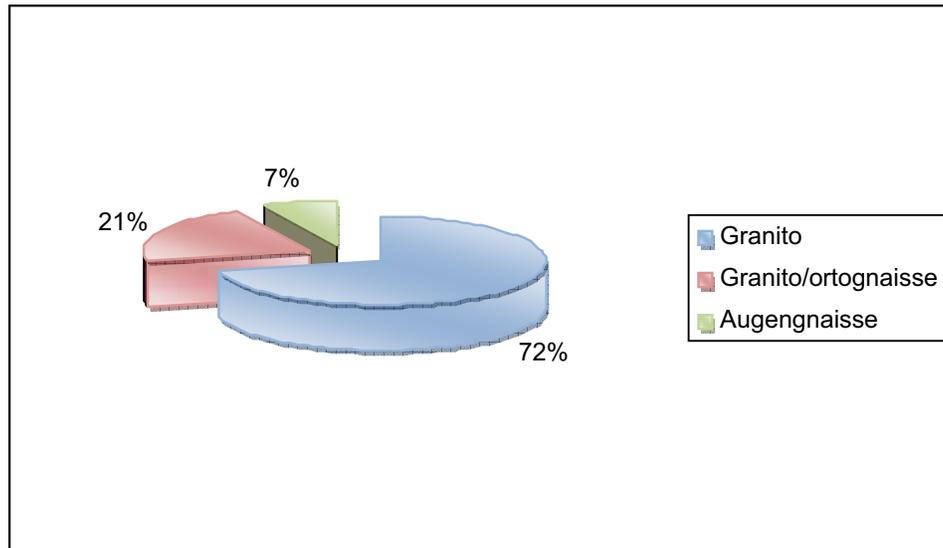


Figura 104 Tipo de suporte rochoso

Por se encontrarem, os sítios com gravuras, nos leitos ou margens de rios e riachos, as condições de sondagem são quase nulas. Na nossa pesquisa, apenas dois dos sítios analisados, ou seja, 14%, apresentam áreas passíveis de uma sondagem arqueológica (Figura 105). Num deles, o sítio Logradouro dos Angicos, por dispor de uma área mais elevada no encontro de dois riachos, as rochas gravadas nessa área mantêm, nas suas bases, sedimentos que aparentemente não sofreram ação das águas. O outro, o sítio Lagoa das Pedras, que possui uma extensa área com gravuras, dispersas por vários metros, afastando-se do curso d'água, possibilita observação de gravuras muito próximas ao sedimento atual, sendo, portanto, passível de uma sondagem.

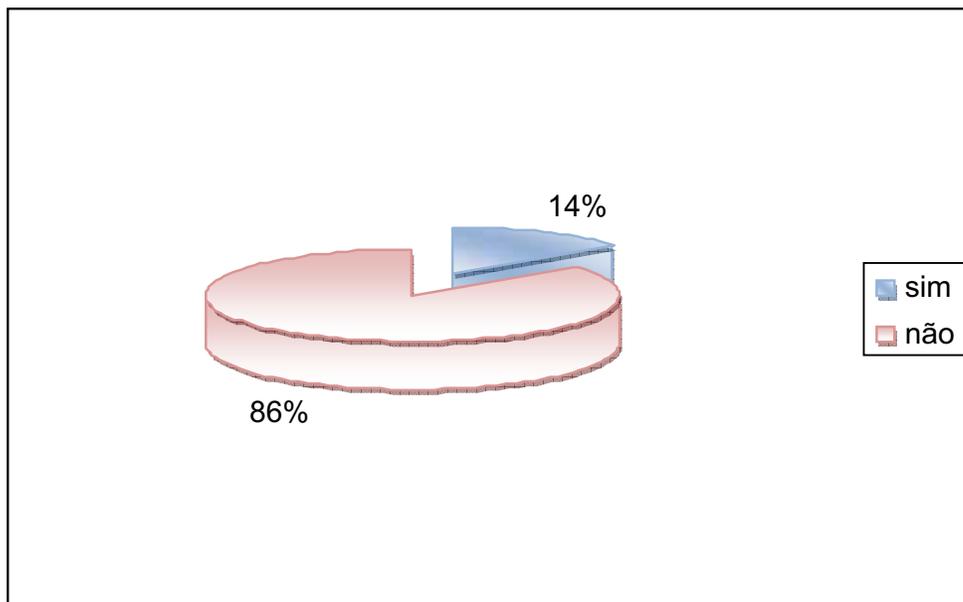


Figura 105: Condição de sondagem

As marcas hidrológicas estão relacionadas principalmente à ação antrópica, geralmente associadas à construção de pequenas barragens que acumulam água durante um determinado período do ano. O referido acúmulo de água propicia a criação de uma série de musgos e líquens que interferem no estado de conservação das gravuras. Foi possível observarmos que em metade dos sítios analisados havia marcas hidrológicas, sejam provenientes de ação antrópica, sejam de origem natural. (Figura 106).

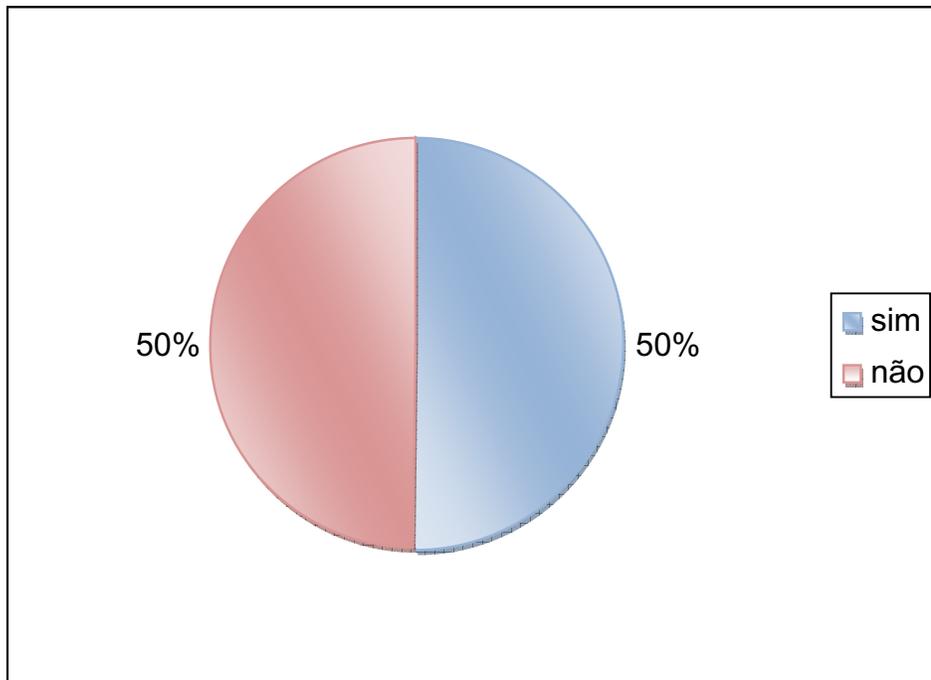


Figura 106: Presença de marcas hidrológicas

Inseridos num universo ocupado desde o fim do século XVII pela pecuária e pela agricultura de subsistência, os sítios arqueológicos com gravuras da área Espinharas/Sabugi/Barra Nova (Quipauá), por suas posições em locais onde a água era mais abundante, foram e continuam sendo modificados por esse contexto. O desmatamento das matas ciliares, para as plantações de gêneros alimentícios e de capim para a pecuária, bem como a construção de açudes e pequenas barragens, o estabelecimento de cercados para o pastoreio, além de estradas, são fatores que alteraram e continuam alterando o entorno dos sítios e contribuem no seu processo de degradação. Ao analisarmos o entorno dos sítios constatamos que seis deles (42%) ainda apresentam vegetação nativa, enquanto os demais têm seu entorno alterado pela ação antrópica (Figura 107).

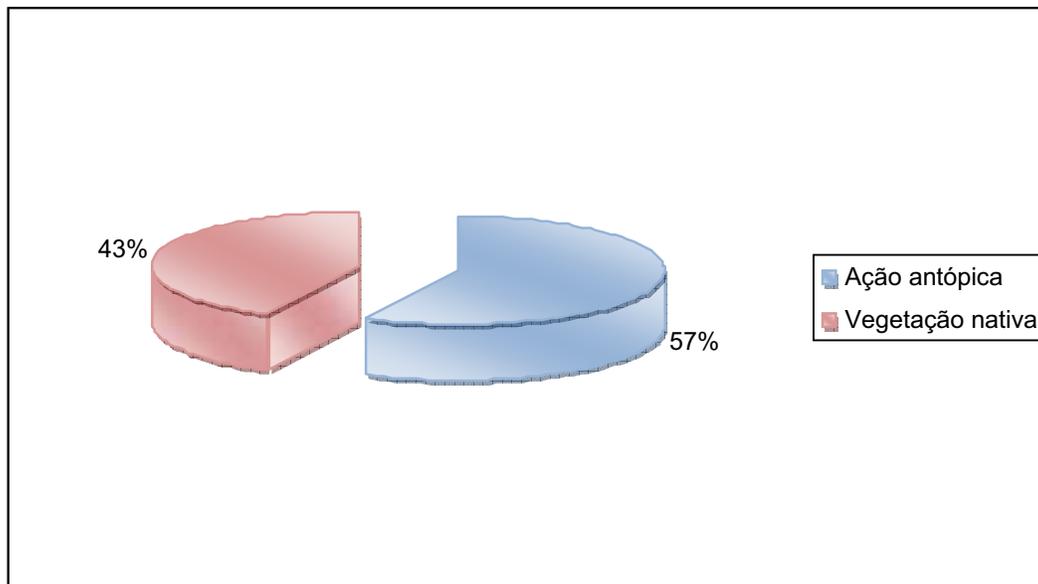


Figura 107: Condição do entorno dos sítios

Quanto à técnica de execução das gravuras, conforme a Figura 108 e Tabela 1 na página 113, os sítios analisados apresentam as técnicas de raspagem, picotagem e polimento. Como mostra a Figura 108, em todos os sítios constatamos a presença de gravuras raspadas. Em 71%, há gravuras picotadas, e em 43%, polidas. Na quase totalidade dos sítios (93%), verificamos a associação entre as diferentes técnicas

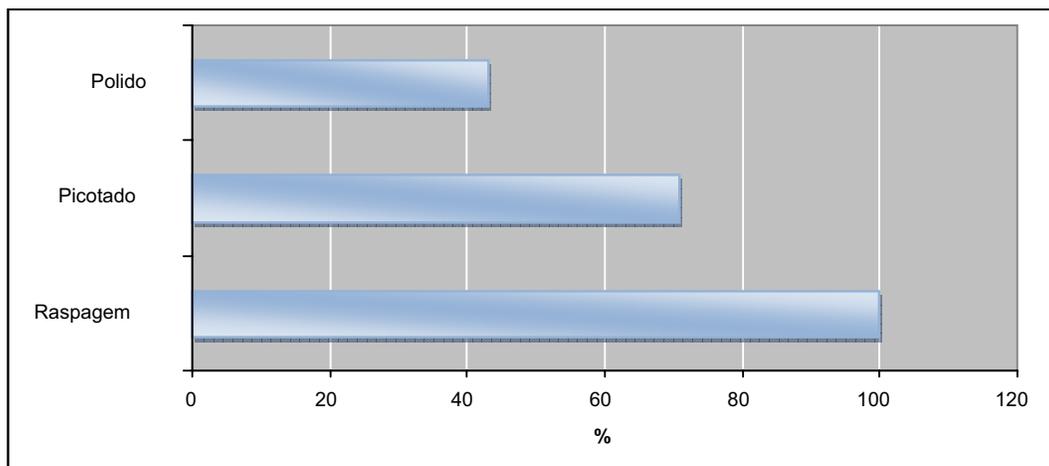


Figura 108: Técnicas de execução das gravuras

Tabela 1- Descrição das técnicas de execução das gravuras por sítio arqueológico

SÍTIO	TÉCNICAS DE GRAVURA
DINAMARCA I	RASPAGEM, PICOTAGEM E POLIMENTO.
DINAMARCA II	RASPAGEM, PICOTAGEM E POLIMENTO+ASSOCIAÇÃO DE TÉCNICAS: RASPAGEM E POLIMENTO.
VELAME	RASPAGEM
LOGRADOURO DOS ANGICOS	RASPAGEM, PICOTAGEM E POLIMENTO+ ASSOCIAÇÃO DE TÉCNICAS: RASPAGEM E POLIMENTO.
POÇOS	RASPAGEM, PICOTAGEM E POLIMENTO+ASSOCIAÇÃO DE TÉCNICAS: RASPAGEM E POLIMENTO
ABERNAL I	RASPAGEM+ ASSOCIAÇÃO DE TÉCNICAS: RASPAGEM E POLIMENTO; PICOTAGEM COM POLIMENTO E RASPAGEM.
ABERNAL II	RASPAGEM, PICOTAGEM+ASSOCIAÇÃO DE TÉCNICAS: PICOTAGEM E RASPAGEM; PICOTAGEM E POLIMENTO.
RIACHO DAS EMAS	RASPAGEM+ ASSOCIAÇÃO DE TÉCNICAS: PICOTAGEM E POLIMENTO; RASPAGEM E POLIMENTO.
CURUMINS	RASPAGEM, PICOTAGEM, POLIMENTO+ ASSOCIAÇÃO DE TÉCNICAS: PICOTAGEM COM POLIMENTO E RASPAGEM.
NOVA VIDA	RASPAGEM, PICOTAGEM+ASSOCIAÇÃO DE TÉCNICAS: PICOTAGEM E RASPAGEM; POLIMENTO E RASPAGEM.
UMBURANA	RASPAGEM+ ASSOCIAÇÃO DE TÉCNICAS: RASPAGEM COM POLIMENTO E PICOTAGEM.
LAGOA DA SERRA	RASPAGEM, PICOTAGEM+ ASSOCIAÇÃO DE TÉCNICAS: PICOTAGEM E POLIMENTO.
LAGOA DAS PEDRAS	RASPAGEM, PICOTAGEM+ASSOCIAÇÃO DE TÉCNICAS: RASPAGEM E POLIMENTO, PICOTAGEM COM POLIMENTO.
PINTADO	RASPAGEM, PICOTAGEM, POLIMENTO+ ASSOCIAÇÃO DE TÉCNICAS: PICOTAGEM E RASPAGEM, POLIMENTO E RASPAGEM, PICOTAGEM E POLIMENTO.

Figura 109: Tabela das Técnicas de Gravura

7- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A modo de conclusão, podemos afirmar que todos os sítios com gravuras estudados encontram-se na Depressão Sertaneja Setentrional, estando localizados nos cursos d'água dos principais riachos afluentes dos rios Espinharas, Sabugi e Barra Nova (Quipauá). Curiosamente não localizamos nenhum sítio no leito destes rios – apenas nos seus afluentes principais. Os sítios encontram-se todos em suportes rochosos a céu aberto, ou seja, no leito dos riachos ou nas suas margens. Não registramos nenhum sítio em abrigo sob rocha. A maioria das gravuras encontra-se em rocha granítica com uma pequena quantidade em Ortognaisse Melanocrático Augengnaisse e Ginaisse-ortognaisse.

As gravuras foram executadas pela técnica de raspagem (técnica recorrente em todos os sítios), picotagem, polimento ou pela combinação de mais de uma delas. Foram encontradas formas curvas e complexas com denso preenchimento dos painéis.

Os pontos acima relacionados podem indicar a existência de um sistema de comunicação, o qual pode ser definido, segundo concebemos, pela existência de um perfil gráfico comum. A constatação da existência desse perfil – que tem em comum a técnica de execução das gravuras, a escolha do suporte rochoso e os aspectos relacionados à paisagem, parece nos indicar, pelo menos em nível hipotético, uma identidade gráfica que abrange o Seridó norte-riograndense e paraibano.

Se as recorrências de elementos gravados permitem identificar padrões gráficos, podemos dizer que a ecorregião que inclui o Seridó e Cariri paraibanos e o Seridó Potiguar (no quadrante Sudeste da Depressão Sertaneja Setentrional) apresentam características que indicam a presença de populações originárias bastante coesas quanto a sua expressão gráfica.

Desde a Serra do Teixeira-PB, passando por Santa Luzia, São Mamede, até Picuí, na divisa com o Rio Grande do Norte, as gravuras paraibanas compõem com as regiões contíguas do Sertão Potiguar (Caicó, Serra Negra do

Norte, Timbaúba dos Batistas, Jardim de Piranhas, Carnaúba dos Dantas, Jardim do Seridó e Acarí) uma espécie de contínuo que parece sugerir e apresentar o mesmo padrão identitário. E tal identificação pode ser observada tanto por suas características essenciais quanto pelas demais variáveis observáveis, como os lugares, a distribuição dos painéis e as técnicas de execução das gravuras. Esses elementos nos levam a pensar que essa é uma área arqueológica que mantém uma unidade, garantida por um universo sócio-cultural comum, resultante de centenas ou de milhares de anos de interação.

Ao realizarmos esta pesquisa acreditamos ter contribuído para o desvelamento de um patrimônio de extrema importância para o conhecimento das populações pretéritas, que originalmente ocuparam a área abordada.

Pelas características de degradação dos sítios revelados no nosso estudo, fica patente a necessidade e a urgência de que sejam implementadas políticas de preservação e de educação patrimonial e que as mesmas sejam estabelecidas com a aquiescência de todas as partes envolvidas: proprietários, poderes públicos constituídos e população em geral, com a finalidade de garantir às gerações futuras o conhecimento de páginas tão importantes da nossa história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO, Luís F. Peste e Mortandade na Formação do Mercado de Trabalho Brasileiro. In: RIBEIRO, Antonio [org]. Invenção do Brasil. Salvador: MADE, 1997.

ALMEIDA, Ruth T. A Arte rupestre nos cariris velhos. Ed. Universitária – UFPB. João Pessoa, 1979.

BAHN, P. Dictionary of Archaeology, Harpers Collins Publishers, Glasgow, Great Britain. 1992.

BARLÉUS, G. O Brasil Holandês sob o Conde João Maurício de Nassau. Conselho Editorial do Senado Federal. 2009. Edições do Senado Federal – Volume 43

BATISTA DE FARIA, H. Identificação de núcleos de desertificação na região Seridoense do estado do Rio Grande do Norte. Seminário sobre desertificação no Nordeste; documento final. Brasília, 1986; p.116-124.

BINFORD, L. Archaeology as Anthropology. American Antiquity, nº28, 1962.

BRASIL. Ministério das Minas e Energia. Projeto RADAMBRASIL. Folhas SB. 24/25 Jaguaribe/Natal; Geologia, Geomorfologia Pedologia, vegetação e uso potencial da terra. Rio de Janeiro 1981.

BUTZER, Karl M. Arqueologia – Uma Ecologia Del Hombre: Método y Teoria para um enfoque contextual. Barcelona, ediciones Bellaterra S.A, 1989.

CABRAL. Elizabeth Mafra; NASSER. Nássaro A. Souza. **Inscrições Rupestres no Rio Grande do Norte**. Natal: Publicações da UFRN/CCHLA, s/d.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (org.). História dos Índios no Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

CORDEIRO, José. Os Índios no Siará: Massaere e Resistência. Fortaleza: Hoje, 1989.

COSTA, Angyone. Introdução à Arqueologia Brasileira. 4ª edição. Brasileira. Brasília, 1980.

DANTAS, Beatriz G. SAMPAIO, José A.L. e CARVALHO, Maria R. G. Os Povos Indígenas no Nordeste Brasileiro – Um esboço Histórico. In História dos Índios no Brasil. S. Paulo: Companhia das Letras, FAPESP, 1992.

DANTAS, J. A. Índícios de uma Civilização Antiquíssima. João Pessoa, Fundação Casa José Américo e Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (Manuscrito de 1926), 1994.

FONTES, Mauro A. Farias. A Cerâmica Pré-Histórica da Área Arqueológica do Seridó/RN. Dissertação de Mestrado. UFPE. CFCH. História, 2003.

GUIDON, Niede. Peintures Préhistoriques du Brésil. France, 1991.

_____. Da Aplicabilidade das Classificações Preliminares. CLIO – Revista do Curso de Mestrado em História nº5 , Ed. Universitária Recife, 1982.

_____. A Arte Pré-Histórica de São Raimundo Nonato: Síntese de 10 Anos de Pesquisa. CLIO – Série Arqueológica nº2. Recife, UFPE. 1985.

_____. Tradições Rupestres da Área de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil. CLIO – Série Arqueológica nº5, Recife, UFPE. 1989.

IBGE. Mapa Etmo Histórico de Curt Nimmendaju. Fundação IBGE/Fundação Nacional Pro-memória – Rio de Janeiro: IBGE, 1997.

LEITE, Marinete Neves. A Subtradição Seridó de Pintura Rupestre – RN: Um Estudo da Identidade Humana. Dissertação de Mestrado. UFPE. CFCH. História, 2004.

LEITE, Serafim Pe. História da Companhia de Jesus no Brasil, Rio de Janeiro. Inst. Nacional do Livro, t.1. apêndice 1, 1945.

LOPES, Fátima M. Missões Religiosas: Índios, Colonos e Missionários na colonização de capitania do Rio Grande do Norte. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 1999.

LUNA, S. & NASCIMENTO, A. L. Levantamento Arqueológico no Riacho do Bojo, Carnaúba dos Dantas, RN. CLIO nº13, ED. Universitária, UFPE, Recife, 1998.

MACEDO, Helder A. M. D. Ocidentalização, territórios e populações indígenas no Sertão da Capitania do Rio Grande. Dissertação, PPg História UFRN. Natal, 2007.

MARANHÃO, Raoni B. Gravuras Pré-históricas da Área Arqueológica do Seridó Potiguar/Paraibano: Um Estudo Técnico e Cenográfico. Recife, UFPE, 2003.

MARTIN, Gabriela. A Sub-Tradição Seridó de Pintura rupestre Pré-Histórica do Brasil. CLIO - Série Arqueológica. Nº5, Recife, UFPE, 1989.

_____. A Tradição Nordeste na Pré-História Brasileira. CLIO Arqueológica. Nº14, 2000.

MARTIN, Gabriela; PESSIS, A. Marie. Área arqueológica do Seridó, RN, PB: Problemas de conservação do Patrimônio cultural in: FUNDAMENTOS II, V.1, Nº2, 2002.

MARTIN, Gabriela. Fronteiras Estilísticas e Culturais na Arte Rupestre da Área Arqueológica do Seridó (RN,PB) IN: CLIO Arqueológica. Nº16, 2003.

MARTIN, Gabriela. Pré-história do Nordeste do Brasil. Ed. UFPE. Recife, 2005.

MEDEIROS, Maria do Céu. Igreja e Dominações no Brasil Escravista. O caso dos Oratorianos de Pernambuco, 1659-1830. João Pessoa: Ideia, 1993.

MEDEIROS, Ricardo P. O descobrimento dos Outros: Povos indígenas do sertão nordestino no período colonial. Tese de Doutorado, PPG História UFPE. Recife, 2000.

MEDEIROS FILHO, O. Os Tarairus, o Rio Grande do Norte e a Guerra dos Bárbaros. Nordeste Indígena. Recife: Funai, 1991.

MENEZES, Francisco Correia Telles (1887). Lamentação Brasília. V.50, 74. Rio de Janeiro. (Manuscrito existente no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no Rio de Janeiro. Obra comentada por Tristão de Alencar Araripe na Revistado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro).

MONTEIRO, John M. (org.). Guia de Fontes para a História Indígena e do Indigenismo em Arquivos Brasileiros. NHII/USP. FAPESP. São Paulo, 1994

MONTEIRO, Vergniaud Lamartine. Monografia de Serra Negra do Norte. Senado Federal, centro Gráfico, rio de Janeiro, S/D.

MORAIS, João M. Itaguatiaras do Seridó Paraibano. Fundação Casa de José Américo, João Pessoa, 1994.

MORALES, M. G. Algunas Observaciones Preliminares sobre Problemas de conservación de la Pedra Lavrada de Ingá-PB. CLIO – Série Arqueológica nº9, Ed. Universitária, UFPE, Recife. 1993

PERREIRA, E. S. As Gravuras e Pinturas Rupestre no Pará, Maranhão e Tocantins. Estado Atual dos Conhecimentos e Perspectivas. Dissertação de Mestrado em História, UFPE. Ed. Universitária, Recife, 1990.

PESSIS, Anne M. Apresentação Gráfica e Apresentação Social na Tradição Nordeste de Pinturas Rupestres do Brasil. CLIO - Série Arqueológica. nº5, Ed. Universitária, UFPE, Recife, 1989.

_____. Identidade e Classificação dos Registros Gráficos Pré-históricos do Nordeste do Brasil. CLIO - Série Arqueológica. Vol. 1, nº 8 – UFPE – Recife, 1992.

_____. Registros Rupestre, Perfil Gráfico e Grupo Social. CLIO - Série Arqueológica, nº9, Ed. Universitária, UFPE, Recife, 1993.

_____ Registro Visual na Pesquisa em Ciências Humanas. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2000.

_____. Do Estudo das Gravuras Rupestres Pré-Históricas no Nordeste do Brasil. CLIO - Série Arqueológica, nº15, vol.1, Ed. Universitária, UFPE, Recife, 2002.

_____ Imagens da Pré-História. Parque Nacional Serra da Capivara. Images de la Préhistoire, Images from Pré-History. FUMDHAM/PETROBRÁS, 2003

PIRES, Maria Idalina da Cruz. “Guerra dos Bárbaros”. Resistência Indígena e conflitos no Nordeste Colonial. Recife: Fundarpe, 1990.

PROUS, André. Arqueologia Brasileira Ed. UNB, Brasília, 1992.

PUNTONI, Pedro. A Guerra dos Bárbaros – Povos Indígenas e a Colonização do Sertão. Nordeste do Brasil. 1650-1720. Hucitec, Editora da USP, Fapesp, 2002.

ROCHA, Eugênio P. Gurgel da. Caracterização Macroespacial de Sítios Arqueológicos no Alto Sertão Paraibano. Dissertação de Mestrado. UFPE. CFCH. História, Recife/PE, 1998.

SANTOS JR, Valdecir dos. Registros Rupestres da Área Arqueológica de Santana(RN). Recife_ UFPE_ 2005.

SOUZA, Bernadino José de. Dicionário da Terra e Gente do Brasil. 5ª Ed. São Paulo: Nacional, s/d (Coleção Brasileira, 19)

SPENCER, Walner Barros. O Patrimônio Cultural Desconsiderado: O Lajedo de Soledade. Capítulo de Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais (Antropologia) na UFRN, 2000.

MEDEIROS FILHO, Olavo. Índios do Açu e Seridó. Brasília: Editora do Senado, 1984.

TOLEDO, M.C.M; OLIVEIRA, S.M.B.de; MELFI, A.J; Intemperismo e Formação do Solo in: Decifrando a Terra. IBEP NACIONAL, 2009.

VASCONCELOS SOBRINHO, João. O Deserto Brasileiro. Recife, UFPE/Imprensa Universitária, 1974.